



Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO

by
Professor
Ralph G. Stanton

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

11072



JUBILOS
DE
PORTUGAL

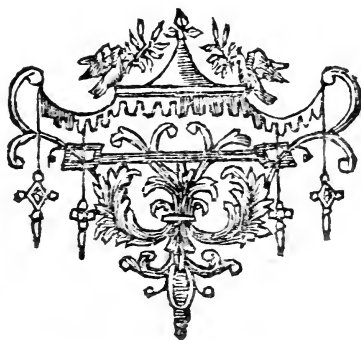
Na gloriosa Acclamação

DO FIDELÍSSIMO, AUGUSTO, E PODEROSO MONARCA

D. JOSEPH
NOSSO SENHOR.

COLLECÇÃO I.

Das Obras feitas a este Real assumpto.

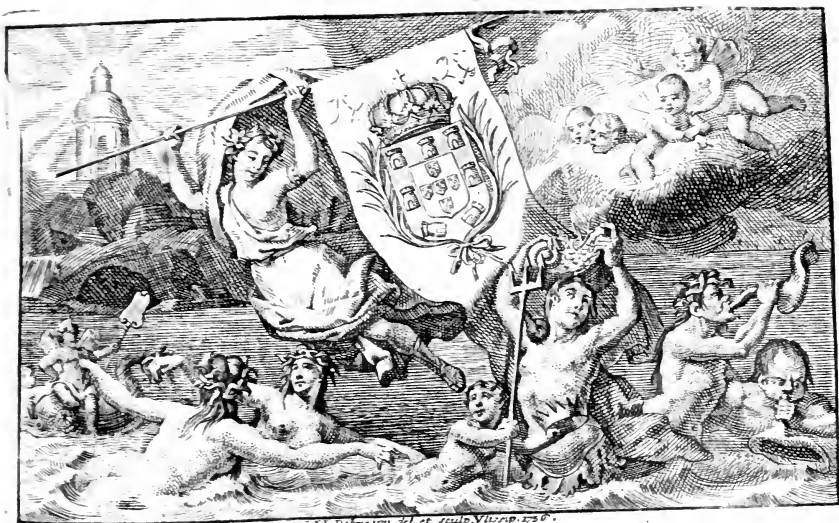


LISBOA,

(42) Na Oficina de FRANCISCO LUIZ AMENO, Impressor da Congregação Cameraria da Santa Igreja de Lisboa.

M DCC. L.

Com as licenças necessárias.



ORAÇÃO
 PANEGYRICA
 NO FELIZ DIA DA GLORIOSA COROACAM
 D'ELREY
 D. JOSEPH
 NOSSO SENHOR.

Composta

Por D. MIGUEL LUCIO FRANCISCO
 DE PORTUGAL E CASTRO.

SENHOR.

Todos os dias são summamente proprios para o ap-
 plauso das incomparaveis accões de Vossa Magesta-
 de, pois vemos que Vossa Magestade assim como
 he as delicias da sua Nação, tambem imita a Tito
 em não contar o dia, em que deixa de fazer benefici os. Mas

A ii

em

180

em nenhum dia ha mayor razaõ de felicitar-mos a Vossa Magestade, que neste ditosissimo, por ser a primeira occasiaõ de Vossa Magestade ostentar a gloria de Monarca, e de admit-tir as adoracões de Principe. A nossa alegria tambem de nen-hum modo se explica melhor, que lembrando-nos huma, e muitas vezes das provas, que Vossa Magestade tem dado, ou da sua piedade, ou da sua justiça, ou da sua grandeza.

Da piedade, pois logo nos primeiros dias do seu go-verno recorreo Vossa Magestade publicamente a Deos, man-dando escrever ao Prelado da sua Capital para alcançar pr-meyo dos Sacrificiõs, e Orações o acerto da sua regença, que tendo este principio, já sabemos como ha de ter os pro-gressos. Mas Vossa Magestade não só exercita a piedade de Principe Catholico, igualmente resplandece na de filho exem-plar, assim pela reverencia, que consagra ao respeito da Rai-nha sua Mãy, como pela que dedica à memoria d'ElRey seu Pay, conservando com liberalidade incrível as generosas mer-cês, que muitas pessoas recebiaõ em sua vida, e continuando as sumptuosas fabricas, que principiara no disêulso della.

He tão engenhosa a piedade de Vossa Magestade, que respeitando a ElRey, que Deos tem, naquillo em que não alterou a sua vontade, tambem o venera no mesmo em que e não conformou com a sua disposiçaõ, pois mandando elle nenhuma Ley, que até os lutos Reaes não fossem tão dilata-ões, como antes eraõ, Vossa Magestade ordenou, que se pra-ticasse na morte de Sua Magestade o mesmo, que se fizera an-tigamente, julgando Vossa Magestade, que não devia ser moderada a demonstraçãõ, quando era excessivo o pezar, e que estava primeiro não observar as leys da economia, que não cumprir com as leys do sentimento.

Da justiça de Vossa Magestade não ha menos padrões, que da sua piedade, escrebendo Vossa Magestade com a mayor brevidade os Secretarios de Estado para dar m expedi-çaõ aos negocios, e assistirem ao despacho, que Vossa Ma-gestade he quenta sumamente com o mayor louvor da sua vigilancia. Em virtude da mesma justiça advertio a sabia pro-videncia de Vossa Magestade ordenar, que não subisse o preço das cousas necessarias para o rigoroso luto de que está vestido
todo

todo o Reino , e dispoz tambem o modo porque deviaõ hir à sua presença as Consultas dos Tribunaes ; entendendo Vossa Magestade , que não bastava decidillas com a mayor prudencia , se as não encaminhasse com a mayor discriçaõ.

Da grandeza de Vossa Magestade ha tantos , e taõ repetidos actos , que já está satisfeita não só a esperanza , mas até a cubiça dos homens. Nomeou Vossa Magestade muitos Criados (que he esta a primeira mercè de que se deve lembrar o nosso agradecimento) para quasi todos os quartos do Paço ; porque quiz Vossa Magestade , que elle ficasse mais decente com a assistencia da Nobreza , e ella mais exaltada com o serviço dos Principes. Mandou Vossa Magestade , que servissem os Officios da Casa Real alguns Fidalgos , cujos Ascendentes tiveraõ aquella honra , e não tinha ainda continuado nelles. Creou Vossa Magestade no mesmo dia hum Marquez , e dezaseis Condes , não tendo algumas Casas vida nestes Titulos , e ficando-lhe livres todos os serviços ; pois Vossa Magestade só desejava augmentar o numero da Corte , e o esplendor das Familias ; mas por isso ellas , e todos louvaõ a Vossa Magestade com tal igualdade , que tendo eu a honra de ser o primeiro Historiador das accções do seu governo , não pude ser o primeiro Panegyrista dos acertos do seu Imperio.

Tenha elle a fortuna de Vossa Magestade o reger pelos annos mais dilatados , e pelos mais prosperos ; e para que comee a duraçaõ , e a fortuna , receba Vossa Magestade no faustissimo dia de hoje as acclamações do seu povo , como testemunho do nosso alvoroço ; admitta Vossa Magestade o juramento dos seus Vassallos , como demonstraçaõ da nossa fidelidade ; e cinja Vossa Magestade a Coroa do nosso Reino , não só em consequencia da tua augusta successaõ , mas como premio do seu heroico merecimento , e como vaticinio da sua gloria immortal.

SONETOS

A' FELIZ ACCLAMAÇAM

DO FIDELISSIMO, E AUGUSTISSIMO REY DE PORTUGAL

D. JOSEPH

NOSSO SENHOR.

Celebrada no dia 7 de Setembro de 1750.

SONETO I.

HE superflua, ò Monarca respeitado,
 A Acclamação que tendes neste dia;
 Pois fostes já com publica alegria
 Em vozes mais sincéras acclamado.
 Também do Juramento costumado
 A cerimonia inutil se fazia;
 Pois mais solemnemente a Monarquia
 Nos altares do amor vos tem jurado.
 Logo esta acção não póde ser effeito
 Senão de huma excessiva humanidade,
 Que nunca foy nos Principes defeito:
 Sois jurado, e jurais com igualdade,
 Não para segurarvos o respeito,
 Mas só para obrigar a Magestade.

Do Marquez de Valença.

SONETO II.

Pelos consoantes do antecedente.

NA presença do Throno respeitado
 Applauda o Reino a gloria deste dia,
 E mostrando nas vozes a alegria
 Dos puros corações foste acclamado.
 Do Cetro o sacrificio costumado
 A cerimonia inutil não fazia ;
 Porque a jurada fé da Monarquia
 Só se contenta de vos ter jurado.
 Quanto em nós foy de amor devido effeito,
 Excesso foy em vós de humanidade,
 Para supprir dos votos o defeito ;
 Pois estudando os meynos da igualdade,
 Foy testemunha o Throno do respeito,
 O Cetro foy padrao da Magestade.
Do Doutor Nicolao Francisco Xavier da Silva.

SONETO III.

HOje ao Throno subis : mas por perfeito ,
 (Fidelissimo Rey) sois tao amado ;
 Que a qualquer coraçao era escusado
 O ser vassallo , para estar sujeito.
 Na cerimonia o uso satisfeito
 Fique só ; que esse espirito elevado ,
 Já estava obedecido , e exaltado ,
 Aos impulsos do amor , e do respeito.
 Muito antes deste dia a reverencia
 Já vos era devida ; e a vontade
 Já vos tinha jurado a obediencia :
 Que em vós , Senhor , por nova immuidade ,
 Não carece o Dominio da regencia ,
 Nem depende do Cetro a Magestade.
De Pedro Joseph da Silva Botelho.

Foy

Foy Sua Magestade acclamado no dia 7 de Setembro, em que se celebraõ os annos da Augustissima Rainha sua Mãe.

SONETO IV.

Sobe ao Throno o Monarca mais glorioso,
Fazendo, que brillasse a luz do dia,
E quando Rey aos olhos parecia,
Naõ se contempla Rey, parece Esposo.
Da Augusta Mãe no obsequio decoroio
Troca a grande tristezza em alegria,
E quanto mais a Luz resplandecia,
Era ao conceito o Numen duvidoso.
Quando alcança feliz gloria taõ alta
Do novo Rey a summa Dignidade,
Na fineza o mysterio occulto exalta.
Busca na açcãõ alivios à saudade,
E para lhe encobrir do Esposo a falta,
Faz que se adore a mesma Magestade.

Do Doutor Nicolao Francisco Xavier da Silva.

SONETO V.

Senhor, ao Throno excelfo, e victorioso,
Vos sublima do sangue a preeminencia;
Mas a ser electiva a precedencia,
Voluntario seria, o que he forçoso.
Naõ bastava o lugar ser magestoso,
Nem conter dos Dominios a opulencia;
Porque he menos lograllo na existencia,
Que de amado subillo venturoso.
Confagre-se do rito o nobre intento:
Fique a mutua promessa na memoria,
E erija cada voto hum monumento;
Pois naõ sendo esta dita transitoria,
Quem se ampãra feliz do vosso alento,
Em si mesmo eterniza a vossa gloria.

De Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.

No

No acto da Acclamação exercitou o Serenissimo Senhor Infante
D. Pedro o grande lugar de Condestavel do Reino.

SONETO IV.

O H que plausivel, que vistoso dia,
Foy Senhor o do vosso Juramento,
Assistido de Marte, e do instrumento,
No Egregio Infante, que na maõ regia!
Tudo era acclamações, tudo alegria,
Vendo-vos nesse Throno, e Regio assento,
Que com fiel, e duplicado alento,
Nas vozes os applausos confundia.
Esse, que empunha o Infante, rayo ardente,
O que se admira em vós Cetro arrogante,
Paraõ o vosso Imperio permanente;
Pois será com valor sempre constante
O Estoque pelo Cetro, mais valente,
O Cetro pelo Estoque, mais triunfante.
De Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha.

SONETO VII.

S Ubi Monarca ao Solio, e cento a cento
As ditas numeray na vossa vida,
Sempre de Joaõ a graça repetida
Em vós coroe de Joseph o augmento:
Respire o vosso Imperio, e cobre o alento,
Que suffocava magoa taõ crescida;
Porque em vós logra já reproduzida
A gloria, que horroriza o monumento.
Harmonia hoje soa a dissonancia,
Que a alma para insistir no que padece
Encontra huma invencivel repugnancia;
E nem por isso a magoa desmerece,
Que o gosto deste dia he abundancia,
Em que ainda a immensa dor não apparece.

Anonymo.

B

SO-

SONETO VIII.

R Espira, ò Portugal, e toma alento,
 Desse estado, em que estás taõ luctuoso:
 Pois te chegou hum dia o mais fermoso,
 Que em jubilos te troca o sentimento.
 Cumprido o tempo foy de teu tormento,
 Pela ausencia de hum Sol, taõ luminoso:
 Mas quanto teve mais de tenebroso,
 Tanto hoje ostenta mais o luzimento,
 Pois o Sol, que se poz, substituido
 Por outro vês, ao Throno levantado;
 Em que aquelle ficou reproduzido.
 E se este o luzimento tem herdado,
 A seu proprio esplendor tambem unido,
 Nelle só tens hum Sol multiplicado.

De Antonio da Silva e Faria.

SONETO IX.

S Ubi, Senhor, ao Solio destinado
 Para vós da Divina Providencia;
 Que quiz, que de tal Pay supprissê a ausencia
 Hum Filho, em que o Pay fosse descansado.
 He verdade, que Deos nos tinha dado
 Em voffo Pay hum Rey, cuja excellencia
 Foy naõ ter semelhante na clemencia,
 Com que regeo seu povo amante, e amado.
 Porém a semelhança, que faltava,
 Em vós no la deixou com tal ventagem,
 Que aclamando-vos, clama o Reino inteiro:
 Só de tal Pay tal Filho se esperava:
 Viva o Rey, que he de Deos perfeita imagem,
 Viva de Portugal Joseph Primeiro.

Do mesmo.

SONETO X.

QUando, Senhor, vos veiros já sertado
 No Throno desta vossa Monarquia,
 Não se pôde conter nossa alegria;
 Que a todos no la infunde o vosso agrado.
 Muito bem mostra já vossô cuidado,
 E zelo, com que obrais de dia em dia,
 Que he a vossa tenção tão recta, e pia,
 Que nos segura o mais feliz Reinado.
 Vivey pois, para dar ao Reino augmento:
 Vivey, para que alegres nós vivamos;
 Pois sois das nossas ditas complemento.
 Como effes bons principios, que admiramos,
 Saõ de melhores fins certo argumento,
 Que vivais largos annos desejamos.

Do mesmo.

SONETTO XI.

VOlse il Divino Sole, che splendesse
 Nel Regno suo celeste nuova Stella;
 E cercando fra l' altre la più bella,
 Di Portogallo il Re Giovanni eleffe.
 A fin che l' elezzione suspendesse,
 Quérulo Portogallo a Dio favella:
 Se di questo tuo Ciel la luce é quella;
 Vuoi Tu, Signor, che d' illustrarmi cesse?
 Iddio al suo diletto, e afflitto Regno,
 Per levargli l' affanno, all' or risponde:
 O quanto il tuo pensier s' abbaglia, et erra!
 Dell' amor, che io ti tengo, é questo il pegno:
 Altra luce in Giuseppe si nasconde:
 Splenda Giovanni in Ciel; Giuseppe in terra.

Del medesimo.

B ii

Alu-

*Alude-se a ser el mismo dia, en que cumple años la Augustissima
Reyna Madre de Su Magestad Fidelissima.*

SONETO XII.

Quien vió já mas Aurora tan lucida,
Que por mas se ostentar resplandeciente,
En el dia de su mismo Oriente
Al Sol, de quien es Madre, viene unida?
Y quien del Sol nõ admira la subida,
Quando tiene tal Luz por Ascendiente,
Que ella en el, el en ella mutuamente,
Ven su Exaltacion aun mas crescida?
Este concurso pues de Luminares
Tan grandes nos promete con effecto.
Los bienes, y fortunas a millares.
Dichoso el Reino, al qual, por mas dilecto,
Quiso Dios, que dõs Astros singulares
Presidieran con tan benigno aspecto.
Del mismo.

SONETO XIII.

Astro fois, que ao Sol na realidade,
Relevante excedeis com mil primores,
No excelso, no ser, nos resplandores,
No benigno, na luz, na Magestade.
Oh como, Rey Augusto, a gravidade,
Dos vossos lustres (sempre superiores,)
A Portugal já daõ glorias mayores,
E à Europa duplicaõ a authoridade!
Felizmente vivey sempre triunfante,
Dominay todo o mundo glorioso,
E laureado sempre a cada instante.
A dominar entray victorioso,
Pois cada coraçã vos rende amante
Na vontade outro Imperio mais precioso.
D. Catharina Damasia Borges Teixeira.

SONETO XIV.

JA' no Solio feliz da soberania
 O' Augusto Monarca sublimado,
 O mundo vos adora collocado,
 Com regia distincão de primazia.
 Attrahistes da Lusã Monarquia
 De tal forte, Senhor, a todo o agrado,
 Que quasi teme o vulgo verse em estado,
 Que passe o puro affecto a idolatria.
 Tanto amor vos consagraõ, e tanto affecto,
 Que se a fé naõ vencera o entendimento,
 Adorações vos deraõ em todo o Mundo.
 Pois como em tudo o Ceo vos fez selecto,
 He preciso o mais fino rendimento
 A hum Monarca em tudo sem segundo.

Da mesma.

SONETO XV.

Isto acaço foy sonho, ou foy verdade?
 Eu vi o Sol subir a hum Throno Augusto,
 Composto de esplendor a tanto custo,
 Que empobreceo dos Ceos a Magestade.
 Hum Paranympo vi, que de Deidade
 Revestido, movendo o ferro adusto,
 Dava aos Orbes terror, aos rayos fusto,
 Inveja aos Astros, gloria à heroicidade.
 Vi mostrar-se ao seu Povo sempre grato
 O mesmo Sol com pompa eclarecida,
 Entaõ glorioso a furtos do recato.
 E quem vio cá victoria taõ luzida?
 Função de mais esplendido apparatus,
 Eu naõ quero ver outra em minha vida.

Do Desembargador Joã de Souza Caria.

SO.

SONETO XVI.

Subi, Senhor, com Regia primazia,
 Ao Throno, que vagou por ley do fado:
 Depois de a voffo Pay fer dedicado,
 Só tanta Mageftade o occuparia.
 Subi; e entre os obsequios deste dia
 Apreffay em subir todo o cuidado,
 Se he que quereis o gosto acreditado,
 E defejais feliz a Monarquia.
 De hum Rey está occupada na memoria,
 Só de outro como vós na brevidade
 He que hoje alcança a dita mais notoria:
 Pois sem dar mais espaços à faudade,
 Vendo o Reino no Throno a voffa gloria,
 Já naõ distingue falta a Mageftade.

Antonio Correa Viana.

SONETO XVII.

Suba ao Solio o alto Heroe esclarecido,
 Se he, que a mais subir póde o predicado
 De quem, por fer em tudo o mais amado,
 Nas Regias distincções he o mais subido.
 Tanto indulto lhe nota hoje o sentido,
 Que muito além do feu virtuoso agrado,
 Inda no raro nome celebrado
 Privilegios descobre de applaudido
 Oh prefagio feliz de gloria pura,
 Se ao Reino, com affombro verdadeiro,
 Já tanto bem como unico segura!
 Porque he certo em Joseph, Monarca inteiro,
 Que rarissima faz noffa ventura,
 Se até por singular se faz Primeiro.

Do mefmo.

He

He acclamado ElRey no dia 7 de Setembro Vespera da Natividade de Nossa Senhora.

SONETO XVIII.

SObe ao Throno Joseph com tal ventura,
 Que illustra o Solio o berço de Maria,
 E no sagrado Horoscopo do dia
 Já tem do Fado a estrella mais segura.
 Na heroica protecção de Luz tão pura
 Ha de encontrar feliz perpetua guia,
 Que tem do nome a amante sympathia
 Em que a sua clemencia mais se apura.
 Quer em Lyfia propensa à Divindade
 No Imperio fundar, que ao Mouro dóme,
 Igual às durações da eternidade.
 E para que immortaes seculos some,
 Tem por motivo augusto da piedade
 No Reino as Chagas, no Monarca o Nome.
De Antonio Sanches de Noronha.

SONETO XIX.

SUbi ao Solio, Principe jurado,
 Que a boa accitação do jugo indica
 A geral voz, que Augusto vos publica
 Em voto indissolúvel protestado.
 Subi; que a cerimonia de Acclamado
 Desnecessaria ao nosso affecto fica,
 Como acção, que melhor se verifica
 No amor, que vos acclama anticipado.
 Reparay da eminencia onde subido
 Deidade o Imperio Luso vos venera
 Até onde da voz chega o estampido.
 Todo o mundo circula, e outro, se o houvera,
 Que o Reino deste gosto soccorrido
 Nenhum mayor alivio à magoa espera.
Felix da Silva Freire.

SO-

JUBILOS

SONETO XX.

A Morte de Joaõ Rey mais Augusto
 Que o mundo respeitou em toda a idade,
 Succede de Joseph a Magestade,
 Que até no nome mostra já ser justo.
 Naquelle morte do destino injusto,
 E desta Acclamação na immensidade,
 Naõ sey se a gloria tem mais liberdade,
 Se a pena deve ter o mesmo custo.
 Que tudo deve ser com razaõ sigo
 Pois dos seus corações na reverencia
 Estes affectos devem ter abrigo.
 Pena, e gosto juntou a Providencia;
 Porque gosto sem pena era perigo,
 O pezar sem alivio era violencia.

C. R. J.

SONETO XXI.

FUè precision el provido mysterio
 De hazer en vós la Magestad segura,
 Que era bien, que el respecto a la hermosura
 Se hiziesse vassallage del Imperio.
 Fuera del Sol indigno vituperio
 Si satisfecho solo en la luz pura,
 Tuviera la belleza por ventura
 Sin regir todo el lucido hemisferio.
 Reinais por fuerça, y gusto, y assi imagino
 Que igual la voluntad a la violencia
 Haze el Reino sujeto en ser mas fino.
 Regida por el gusto la obediencia
 En Vuestra Magestad haze el destino,
 Que parezca elecion la providencia.

Si esortano i sudditi della Corona di Portogallo all' acclamazione dell' Augustissimo Giuseppe Primo.

SONETTO XXII.

LIsia, di spirto, e di valor dotata,
 Di Fede, e Religion pompa, e sostegno,
 Già 'l tuo gran Re dal suo terreno Regno
 Lieto portossi alla magion beata.
 Ma la sua Prole d' ogni pregio ornata,
 Con Sposa d' alto, e pellegrino ingegno,
 Provido à te lasciò d' amore in pegno,
 E vederti desia fedele, e grata.
 Dunque d' ogni dolor sgorbrando il petto,
 Fè giura alla Real copia novella,
 Col più sincero, e 'l più divoto affetto.
 Nè temer d' infortunio, o di procella,
 Or che ti guardan con benigno aspetto
 Sì maestoso Sol, sì vaga Stella.

D. A. T.

SONETTO XXIII

Fidelissimo Rey, Joseph Primeiro:
 Primeiro, e unico sois na hercicidade;
 Unico sois em nome, e em magestade,
 Como o Fenix do Ceo, Regio luzeiro.
 Taõ Sol, e taõ só sois, Joseph inteiro,
 Que se Josué vos vira em sua idade,
 Por ver brilhar hum Sol com novidade,
 Pararia outro Sol no Ceo primeiro.
 Pare o Rey, pois, que a quarta esfera move,
 Para ver do Sol voffo nos enfoyos
 A luz, o resplandor, o ardor, que innove:
 No ardor verá, sois Marte sem desmayos;
 No resplandor, potente, altivo Jove;
 Na luz Apollo de benignos rayos.

De Joseph de Andrade e Moraes, Arcipreste da Sé de Mariana.

C

In-

Interpreta-se o nome Joseph. Foy Sua Magestade aclamado depois de se haverem cantado Vesperas do Nascimento da Senhora.

SONETO XXIV.

Como a Augusto Joseph da Lusía Augmento
 Vos acclama hoje a fê mais Portugueza ,
 Quando nasce dos Ceos sacra a Princeza ,
 Por augmentar ao Luso o luzimento.

A Portugal dais novo nascimento ,
 Augmentando-o do Orbe à redondeza :
 E por darnos o Ceo esta certeza ,
 Hoje aclamado sois naõ sem portento.

Nasce em Maria a Aurora refulgente :
 Da Aurora nasceo sempre o Sol jucundo :
 Vós nasceis hoje Sol da Lusa gente.

E se o Sol Rey da terra he rubicundo ;
 Augmentado hoje em vós mais regimento ,
 Nasce a ser Portugal senhor do mundo.

Do mesmo.

*No mesmo dia repeta a Igreja as palavras de Job: Justificatio-
 nem meam, quam cœpi tenere, non deseram.*

SONETO XXV.

Sois Joseph ; Justo sois, ò Rey famoso ,
 Assim o atesta o Oraculo sagrado ,
 A justiça , que tendes começado ,
 Guardareis (diz) no Solio magestoso.

Feliz Throno , onde ao Regio , e poderoso
 Se une o Justo em Joseph com suave agrado !
 Redemptor vos acclama o Reino amado ,
 Que a Justiça no Rey vê mais glorioso.

E se o nome Joseph justiça encerra ,
 Justo Joseph , reinay , por dar sem susto
 A idade de ouro à Lusía , que a desterra :

Pois dominando Astrêa em vós , Augusto ,
 A Lusitania he hum Ceo da terra ;
 Portugal Reino he de Christo justo.

Do mesmo.

Or-

Ordenou Sua Magestade , que no dia da Acclamação estivesse exposto o Santissimo Sacramento , e se cantasse a Missa do Espirito Santo em todas as Igrejas da Corte , para que Deos felicitasse o seu reinado.

ROMANCE HENDECASYLLABO.

Para reinar feliz , Monarca Augusto ,
 Pedis auxilio ao Ceo , a Deos soccorro ,
 Nesta acção conhecendo santa , e pia ,
 Que os acertos de hum Rey são de Deos todos ,
 Fidelissimo fois ; e nestes cultos
 Tendes da vossa fé hum claro abono ;
 Porque tudo o que póde a vossa dextra ,
 O dais à mão do todo poderoso .
 Nesta religião firmais o Cetro ,
 Quando a Deos exaltaes pio , e devoto ;
 Pois tudo o que arde incenso nos altares ,
 He o perfume melhor de hum Regio Solio .
 Por invento melhor de coroarvos
 Dais a Deos a coroa do decoro ;
 Porque as conservaõ só , quando as tributaõ
 Os Anciaõs no Ceo de Deos ao Throno .
 Com Salamaõ pedis sabedoria ,
 Quando com Abrahaõ quereis , que exposto
 O mysterio adoremos , que em figura
 Offerece o Sacerdote magestoso .
 Porém no Sacrificio , que incruento
 Representa de hum Rey o amor todo ,
 Pois morre por dar vida a seus vassallos ,
 E o proprio sangue dá depois de morto .
 Tendes , ó Rey Augusto , tudo aquillo ,
 Que desejamos ver em vosso adorno ;
 A purpura no sangue está vistosa ,
 O Cetro , e o laurel no sacro Solio .

Tudo vos dá, ò Rey, o Rey Divino
 Con longo faber, viver glorioso;
 Porque o paõ he de vida, e entendimento,
 A quem (como vós) bem lhe toma o gosto.
 Tambem vos affegura a paz amada,
 Porque ao Senhor louveis sem mais estorvos;
 Pois só fechado o templo do Deos Jano,
 Tem Jupiter altar no Capitolio.
 Porém seja esta paz temida ao longe,
 Authorize-a Bellona com decoro:
 Forje Minerva as armas ao respeito,
 Sem que Marte se empenhe nos destroços.
 Desta forte será a paz segura,
 Decorosa ao Rey, util ao Povo:
 Aos estranhos fará terror horrivel,
 E aos mesmos naturaes fará estrondo.
 Por isso o Deos de Exercitos na Hostia
 Para gloria de huns, confusão de outros,
 Tem a paz no candor, de que se veste,
 Publica a guerra, e morte em seu abono.
 No mesmo Sacramento huma abundancia
 Se promette, Senhor, ao Reino vosso;
 Porque os frutos de Ceres só se colhem,
 Quando a paz o Deos Pan canta gostoso.
 Vivey, reinay, ò Rey mais opulento,
 Para Alexandre ser do Luso Emporio;
 Pois para ter a Asia, que invejarnos,
 Deos nos manda a hum Joseph taõ poderoso.
 Que nós por tal mercê, que recebemos,
 Confessamos a Deos, que do seu Throno,
 Se em Portugal nos deu Reino o mais puro,
 Em vós nos dá o Rey mais glorioso.

Do mesmo.

*A El Rey Fidelissimo D. Joseph nosso Senhor, no dia da sua
exaltação ao Throno de Portugal.*

R O M A N C E.

P Arabens, não a vós, Monarca Augusto,
Sómente os devo dar a todo o Reino,
Pois este alcança tal felicidade,
Quando em vós o reinar não he augmento.
Por vós consegue o Povo immensa gloria,
Vós dais novo esplendor ao aureo Cetro,
E se hum, e outro alcança alta ventura,
Delles seja o braço, gosto, e obsequio.
Sómente se vos dem parabens gratos,
Occupando esse Throno o mais supremo,
Por seres vós o Heróe, que só podia
Succeder a hum Monarca tão egregio.
Hum Solio tão feliz acostumado
A ser no Mundo exemplo do respeito,
Não devia possuillo quem não fosse
De toda a heroicidade alto portento.
O singular, Senhor, em vós se encontra,
Sem que haja imitador neste Universo;
E até unico sois no vosso nome,
Porque em tudo sejais sempre o Primeiro.
Dominay como Sol de taes fulgores,
Astro brilhante, e unico luzeiro,
Que do Occidente ao Indo deis as luzes,
Regendo do Oceano ao mar Vermelho.
Todo o Mundo sujeito ao vosso mando,
Reconheça ditoso o vosso Imperio;
Ou por inveja ter dos Lusitanos,
Ou por temor do vosso Nome excello.
O soberbo Mogor, e o Persa adusto,
Alegre as vossas Quinas recebendo;
Vos tribute em final da vassalagem,
Da Arabia os odoriferos incensos.

Do-

Dominando, Senhor, na Lusitania,
 Tambem a todo o Orbe entaõ regendo,
 Conhecereis qual he de mayor gloria,
 Se fer do Mundo Rey, se de tal Reino.
 Se esse Throno feliz os timbres goza
 De Zenith, onde o Sol tem alto affento,
 Sem duvida, que ao Mundo inveja cauza,
 Por gozar os reflexos mais intensos.
 Presidi, governay, Monarca Augusto,
 Assistido tambem o voffo Cetro
 Da Aurora soberana, que o illustra,
 Para gloria immortal do Luso Imperio.
 E contando as idades infinitas,
 Quaes conta o puro Sol no Firmamento,
 Altro vireis a ser na esfera clara,
 Ostentando o luzir por tempo eterno.

De Joseph Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello.

*A' Exaltação do Rey Fidelissimo D. Joseph I. Nosso Senhor, Pio,
 Feliz, e Augusto.*

ROMANCE HENDECASYLLABO.

SUbi, Senhor, ao Throno Lusitano,
 A restaurar a perda de hum Monarca,
 Que chora Portugal; para que seja
 Alivio da saudade a semelhança.
 Aceitay os obsequios da lealdade,
 Que o Reino vos tributa, e vos consagra,
 E em reciprocos votos a ventura
 Illumine de amor a nobre chama.
 Arda nos corações, que a augusta idéa,
 Das heroicas virtudes nos abraza,
 Dibuxando o Prototypo dos cultos
 A imagem da Justica, que se exalta.

Acclame

Acclame Lyfia o Nume respeitado ,
 Que a Regia successão o Cetro chama ,
 Oução medrozas nos remotos Climas ,
 O Augusto Nome as Nações estranhas.
 Asia rica , theatro das victorias ,
 Que o Luso esforço consagrou à fama ,
 Nas Ribeiras do Ganges fertilize
 Para novas conquistas novas palmas.
 Nas entranhas da America opulenta ,
 Ao brilhante metal, Delphica chama ,
 Para Diademas vos formar eternos ,
 Vivifique em preciosas abundancias.
 Na barbara regiaõ de Africa adulta
 Temeroza a ousadia Mauritana
 Veja eclipsar as Luas dos Turbantes ,
 A ruina , que o Tejo lhe prepara.
 Os eccos bastaráõ do voffo Nome ,
 Para que Europa toda attenta , e sãbia ,
 Na construcção do estatico socego
 De Portugal respeite as allianças.
 Moderem os impulsos da piedade
 Das justas Leys a execuçaõ sagrada ,
 Sem que a Justiça ao merito se negue ,
 Sem que o delito indomito se faça.
 Na disciplina militar se ensaye
 O Luso braço , que empunhando a espada ,
 Será nobre terror dos inimigos ,
 Será da Patria invicta segurança.
 Na protecção das letras felizmente ,
 Do voffo influxo a erudição renasça :
 Os Virgillios, os Tullios se descubraõ ,
 Que atégora Lisboa occulta avara.
 Doutas maximas , ethicas doutrinas ,
 Ministros sejaõ das acções preclaras ,
 Que entre os mysterios da razaõ de estado
 Haõ de mover as bellicas campanhas.

Em fim, Senhor, a gloria Portugueza,
 Que Europa admira, que respeita a Asia,
 Torne a brilhar nos ambitos do Mundo,
 Donde o Sol morre, adonde a Aurora raya.
 Vivey feliz, e governay glorioso,
 Do Mundo espanto, admiracão da Patria,
 Ostentem para assombro do futuro,
 O ouro Lemmas, os pórfidos Estatuas.
 Vivey, reinay, o tempo vos respeite
 Ou absorto, ou rendido, em quanto a Fama
 No templo da memoria vos defenha
 Eternos bustos, inclytas medalhas.

Antonio Correa Viana.

*Na felicissima Acclamação do Muito Alto, e Poderoso Senhor
 D. Joseph I. Rey de Portugal, o Fidelissimo.*

ROMANCE ACROSTICO

Pelas letras do seu mesmo Nome.

D — A Acclamação a gloria inexplicavel
 Não cabe na esfera do silencio,
 Porque havendo venturas sem limite,
 O gosto rompe as clausulas do peito.
O — clamor, que dos vivas repetidos
 Chegou às altas portas do hemisferio,
 Me faz dizer, não quanto a alma sente,
 Mas quanto posso no meu rude metro.
M — as que direy, Senhor, que não claudique?
 Sómente abandonando o meu receyo
 Ou com a causa, que me anima o gosto,
 Ou com a gloria, que me influe o objecto.
J — á romperey, Senhor, os diques puros
 Dessão Castalia, em que ancioso bebo,
 Sem ter mais sede, que a do vosso applauso,
 Sem ter mais ancia, que a do meu desejo.

- O — gosto, que me causa o nobre assumpto,
Alma ha de dar às glorias, que descrevo,
E por seguir de Apollo hoje os dictames,
Avicena, Esculapio, e todos deixo.
- S — em mais frase, que os vivas repetidos
No altisonante applauso, que contemplo
Para hum Monarca, que depois de tantos
Veyo a ser para nós hoje o primeiro.
- E' — m sacrificio Portugal quizera
Consagrarlhe não hum, mas muitos Reinos,
Se hum Joaõ lhe deixou este, que goza,
A Croa delle lhe assegura hum Pedro.
- O — Condestavel com luzido enfayo,
Vibrando a espada lhe confirma o Cetro,
Se bem, que a tão brilhantes resplandores
Oblações lhe consagra o proprio tempo.
- P — arece, que essa esfera dos diamantes
Recopilada neste applauso vejo,
Accidentes, substancia diamantina
Mil firmezas promettem nos reflexos.
- R — ara grandeza! Singular em tudo,
Pois vio Joseph com gratulo desenho
Fabricadas das pedras mais preciosas
As bases, e as columns deste Imperio!
- I — á prostrada a seus pés toda a grandeza,
Té parece, que o Sol lhe tem respeito,
Pois entre nuvens todo rebuçado;
Por mais policia quiz estar cuberto.
- M — ais se vio nessa noite em seu applauso,
Pois quiz o Ceo com retumbantes ecos,
Illuminando a esfera constellada,
De Joseph celebrar os luzimentos.
- E — m fim não he possivel explicar-se
Da varanda o luzido, porque entendo,
Que só pelas janellas do Palacio,
Notou o mundo quasi hum Ceo aberto.

- I — á como Estrellas fulminando luzes ;
 Já como Soes deitando rayos belos ,
 Porque junto ao docel tinhaõ por norte
 O mais fixo arrebol dos seus luzeiros.
- R — aro empenho tomey , nunca explicavel ,
 Mas ferey , qual Pintor , no meu empenho ,
 Que mostrando a grandeza de hum gigante ,
 Apenas dibuxou sómente hum dedo.
- O — povo porque via o feu Monarca ,
 Nos limites do gosto naõ cabendo ,
 Viva , viva mil vezes repetindo ,
 Viva ElRey D. Joseph , gloria do tempo.

Do Medico Jorge da Mata Giaõ.

*Ao Fidelissimo Rey , e Senhor noſſo D. Joseph I. no dia da sua
 felicissima Acclamaçaõ.*

ROMANCE HENDECASYLABO.

- S**ubi , excelſo Rey , ao altivo Throno
 Do voſſo hereditario Luſo Imperio ,
 Cingi com diadema a frente auguſta ,
 Empunhay mageſtoſo o aureo Cetro.
- Subi , e veja o mundo collocado
 Na regia eſfera do ſublime aſſento
 Aquelle meſmo Heroe , a quem guardava
 No peito o amor , como Deidade em templo.
- Subi , e neſſa imagem ſubſtituta
 Do Rey , que nos roubou o fado adverſo ,
 Tenha a perda remedio para o damno ,
 Conſiga a faudade alivio terno.
- Agora do alto Solio , aonde ſubiftes
 Lançay a toda a parte o grato aſpecto ,
 E o' o benigno influxo do ſemblante
 Eſtragos reſtauray do ſentimento.

Vedes

Vedes quantos cercando a regia pompa
 Iguaes no gosto, ou Grandes, ou pequenos,
 Alegres mostraõ nas risonhas faces
 Indicios do fervor, que occulta o peito?

Vedes quantos em vivas repetidos
 Os ares rompem com louvor immenso,
 Unindo à obrigaçã da vassallagem
 Cultos do amor em vozes do cortejo?

Saõ vossos todos, duas vezes vossos,
 Já pelas Leys, já pelo amor sujeitos;
 As Leys os fazem vossos no dominio,
 O amor os fórma vossos nos desvelos.

Tal haverá, que antes de Reino estranho
 Quizera ter o patrio nascimento,
 Para todo prenderse ao vosso arbitrio,
 Não pela sujeiçã, pelos affectos.

Imperais duas vezes nas vontades,
 Ou com regio dominio, ou suave genio;
 Soubestes inventar, quaes prisões novas,
 No mando uniaõ, no agrado cativoiro,

Docil no coraçã, no aspecto grave,
 Pay, e Rey: Pay no amor, Rey no governo,
 Severo sem offensa da brandura,
 Affavel sem deslustre do respeito.

Imagem natural, retrato vivo
 De vosso Pay, em tudo taõ perfeito,
 Que sobre a natureza, teve d' arte
 Sete lustros, e mais, de polimento.

Seraõ vossas accões, qual vosso nome,
 Joseph: em tudo o Ceo vos fez primeiro;
 Mostra, que vos formou a maõ Divina,
 Não por imitaçã, sim para exemplo.

Sereis norma feliz aos Reys futuros,
 Que dos passados já vos noto excessõ;
 O nome, que vos dá o casto Esposo
 Da pura Virgem, vos divulga o augmento.

Em vós terá o sacro Vaticano
 Propicio defensor, asylo certo:
 Se alguém lhe profanar a immidade,
 Sereis espada forte, rayo intenso.
 Conservareis a pompa veneranda,
 O fausto honroso dos sagrados Templos;
 Formando, para indício de mais culto,
 A' Divindade altar dentro em vós mesmo.
 Afréa vos entrega a fiel balança,
 Sem temer, que a affeição lhe incline o pezo,
 Pois sabe repartir vossa justiça
 Aos insultos castigo, às acções premios.
 Todas as quatro partes, que dividem
 A dilatada esféra do Universo,
 Se prostraõ ante o vosso Real Throno,
 Humas de inclinação, outras de medo.
 Africa teme em vós o ardor do rayo;
 Asia vos representa fogo, e ferro;
 America vos dá aurea abundancia;
 Europa vos adora em rendimentos.
 E aquelles Potentados, que não soffrem
 Ver fulcar pelo Ganges nossos remos,
 Ou deixarão as vidas nas campanhas,
 Ou pagagrão ao Luso eternos feudos.
 Verá Neptuno em seus undosos campos
 Nadar da Lysia os inconcussos lenhos,
 Sendo o inchado velame, e aguda quilha
 Açoite para o mar, escudo ao vento.
 Verão de Portugal as regias Quinas,
 Do vosso graõ poder sómente ao ecco,
 Cheas de sombra as Ottomanas Luas,
 Quebrados os alfanges Sarracenos.
 Sem os duros estrondos de Mavorte
 Vos fareis respeitado ao mundo inteiro;
 Tendo mais fortaleza nos dictames,
 Que nos arnezes, nos canhões, nos elmos.

Reinay , glorioso Rey em Throno augusto ,
 Reinay , querido dentro em nossos peitos ,
 Recebendo em tributo à Magestade
 Cultos da sujeição , do amor obsequios.
 Reinay , vivey , Monarca grande , e amavel ,
 Seja o vossò poder feliz , e immenso ,
 E a duraçãõ do vossò Throno augusto
 Vença triunfante a inveja , o fadò , o tempo.

De Manoel de Santa Martha Teixeira

Ao mefmo assumpto.

ROMANCE HEROICO.

S Ubi ao Regio Throno , ò Rey supremo ,
 Novo assento do Sol , de Lyfia Augusto
 Se veja o sacro Solio , onde exaltado
 Eterna adoraçãõ vos dê o mundo.
 Occupay , Soberano , a Sede Regia ,
 Que domina absoluta o Reino Lusò ,
 Donde , dimanando os resplandores ,
 Chegue do Orbe aos Thronos vossò influxo.
 O diadema sagrado circulando
 A sacra fronte , que circunda justo ,
 Dispenda luzes , scintillando rayos ,
 Que a todos os Monarcas sejaõ rumo.
 O Cetro , donde está do alto Imperio
 Por sempre respeitado , o attributo ,
 Empunhay , para ser a todo o Orbe
 Inveja respeitosa , altivo susto.
 Condecoray , Senhor , o Cetro , e o Throno ,
 Mais augmento lhe day ; e seja o culto
 Só por serem de vós condecorados
 Dos Vassallos fieis respeito summo.

Obten-

Obtende, alto Monarca, o sacro Imperio;
 Que do Empyreo sagrado pelo indulto
 Sendo a hum Rey primeiro em premio dado;
 A vós tambem Primeiro o he por tributo.
 O mundo vos acclama, e vos exalta,
 Que o Ceo vos engrandece assim o julgo;
 Que hum Rey, que por effencia he todo augmento,
 Sómente póde ser do Ceo assumpto.
 Oh feliz Portugal! Que respeitado
 Das Quinas não será o Regio escudo,
 Se exaltado hum augmento venturoso
 Tudo o que for feliz, será producto!
 Já vos jura, Senhor, já vos acclama
 O voffo Povo, sem deixar occultos
 Os jubilos, os gostos, e os applausos,
 Sacrificios fieis de peitos puros.
 Cadaqual novas aras vos erige,
 Em que adore, a pezar do tempo adusto,
 Com incensos de igual fidelidade
 Da vossa Regia Imagem sacro o vulto.
 Cada hum destinou, para exaltarvos,
 No peito o Throno, respirando o fumo
 Da lealdade jurada, que o holocausto
 Sempre he d' almas unidas hum diluvio
 A Numen taõ propicio, a taõ sublime,
 Soberano affombro, entre o mais profundo
 Respeito reverentes respirando
 Com alma, e vida, vivas vos daõ muitos.
 Memoravel, Senhor, ao voffo Imperio
 Será sempre este dia, quando julgo,
 Que mais do que as vitorias de Metello (1)
 Serão voffo os lauros, e os triunfos.
 Destroe Tito (2) a Cidade mais sagrada,
 Que ficou sem vestigios dos seus muros,
 Ficando até do Templo as sacras aras
 Entre infaustos horrores dos insultos.

Po-

(1) Cæcilius Metellus de Panis triumphat die 7. Septemb. 502.

(2) Titus Urbem Solymorum superiorem cum Templo expugnat eod. die.

Porém vós destruindo a Maura origem ,
 E do Povo Agareno o rito injusto ,
 Pantheoens erigindo à Divindade ,
 Extensos lhe fareis os sacros cultos.

A' sacra Sede , (3) ao Pontificio Solio
 O terceiro Alexandre foy conducto
 Neste dia , Senhor , em que elevado
 Sois ao Regio Solio sempre augusto.

Se pois mysterios tantos , tanta gloria ,
 Neste dia se admiraõ ; quaes annuncios
 De fausta , e singular felicidade
 Não será para todo o Imperio Luso !

Certamente , Senhor , que o Ceo se empenha
 Em fazervos feliz , pois conjecturo
 Accrescenta (4) ditoso o vosso Nome
 Para inveja immortal de todo o Mundo ,

Vivey , Joseph supremo , alto Monarca ,
 Mais que Midas feliz , Nestorios lustros ,
 Eterna adoraçaõ para os Vassallos ;
 Para a Fama immortal eterno assumpto.

De Joseph de Oliveira Troad e Souza.

Ao mesmo assumpto.

R O M A N C E .

Soberano Rey Joseph ,
 Amado Principe Augusto ,
 Não só no nome o Primeiro ,
 Mas no reinar sem segundo.

Hoje que em vivas alegres
 Innumeravel concurso
 Vos aclama , e vos consagra
 Os mais reverentes cultos.

Fa-

(3) Alexand. III. Pont. creatur eod. die. 1159. (4) Filius accrescens Joseph , filius accrescens , & decorus aspectu. . . . Sedit in forti Deus Patris tui erit adjutor tuus. Genes. cap. 49.

Fazendo das liberdades
 Fidelissimo tributo,
 Das vidas, e até das almas
 Rendimento ainda mais puro.
 Que he sacrificio mais nobre,
 Quanto vay (nos seus impulsos)
 Do limitado ao infinito,
 E do immortal ao caduco.
 Neste taõ festivo dia
 As vossas plantas procuro,
 E quando a essas plantas chego.
 Do Mundo ao mais alto subo.
 Dominais, Monarca invicto,
 A melhor porção do mundo,
 Que a rayos illustra Phebo,
 Que banha em ondas Neptuno.
 Tantos mineraes preciosos,
 Da terra rico producto,
 Da emulação cubica,
 Do Sol poderoso influxo.
 Tantas Villas, e Cidades,
 (Do affombro heroico assumpto)
 Aonde os seus edificios
 Competem com os seus triunfos.
 Tantos Vassallos leaes,
 Que he o Imperio mais seguro;
 Pois são seus peitos fieis
 Impenetraveis escudos.
 Tantos Soldados valentes,
 E tantos Jurisconsultos,
 Huns nas façanhas Sertorios,
 Outros nas letras Licurgos.
 Digaõ-no tantas Conquistas,
 Ganhadas a tanto custo,
 Depois de tantos perigos
 Desse pélago profundo.

Obrando acções tão famosas
 O sexo menos robusto,
 Que até ao mesmo Alexandre
 Foraõ modelo, e dibuxo.

Tantos volumes ao prelo,
 Que no exercicio, e no uso,
 Deixaraõ mais fatigadas
 As imprensas, que os estudos.

Este tão vasto dominio,
 Com mais que imperio absoluto,
 Regey, Senhor, dominay
 Nesses seculos futuros.

Chegue o vosso nome, e fama
 De tão regios attributos,
 De donde o Sol tem o berço
 Até onde o seu sepulcro.

De Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha.

S O N E T O. XXVI.

Falla Portugal.

JA' vive Portugal felicitado,
 Já tocou o Zenith o Sol luzido,
 Quando vê o seu Rey esclarecido
 No Throno hereditario enthronifado.
 Das almas, dos affectos acclamado,
 Dos corações, e vidas applaudido,
 Todo aslombro feliz para o sentido,
 Todo gloria immortal para o cuidado.
 Feliz Exaltação, donde amor puro
 He do culto fiel o documento
 Daquella affirmativa *Assim o juro.*
 Oh só de Portugal digno ornamento!
 Não espera a obediencia de futuro,
 Quando tem na presença o Regio augmento.

Joseph de Oliveira Trovaõ e Souza.

E

A El.

A ElRey nêſſo Senhor com a circumſtancia de apparecer ao Povo.

S O N E T O.

Pelos conſtantes de outro do Conde de Tarouca na Exaltação d'ElRey D. Joaõ o V.

COm que gloria, Senhor, que vos acclama
 O voſſo Povo em goſtos ſingulares!
 Lagrimas de alegria verte a mares
 Extremoſo ſinal de que vos ama.
 Por vevos acclamado attento brama;
 Pareceilhe, Senhor, para o aplacares;
 Serenay de deſejos tantos mares,
 Eſte aſſumpto day mais à voſſa fama.
 Recebeilhe por voto os rendimentos,
 Novo Sol aplacay eſta primeira
 De affecto exuberante tempeſtade:
 Seja eſta Exaltação toda portentos;
 Dos Vaſſallos a fé exiſta inteira,
 E humane-ſe huma vez a Mageſtade.

Do meſmo.

Culto gratulatorio, plauſivel, e obſequioſo, na feliz Acclamação da ſempre Auguſta, Preexcelfa, e Sacra Mageſtade, do muito Alto, e Poderoso Senhor, o Fideliffimo Rey D. Joſeph nêſſo Senhor.

ROMANCE HEROICO.

SUbi Monarca excelfo ao Regio Solio.
 Felicitando a Monarquia Luſa;
 Que he já tempo, que as noſſas eſperanças
 Se coroeem na voſſa frente Auguſta.

Em-

Empunhay felizmente o aureo Cetro ,
 Alto prelude das reaes fortunas ;
 Porque venere nesse heroico braço
 O Mundo hum Alexandre , a Igreja hum Numa.

Se no primeiro dia , que ao governo
 Vos chama a successão mais nobre , e justa ,
 Nesse Sol da Divina intelligencia
 Vossa fê para o acerto a Luz procura :

Neste dia o mayor , que ao nosso affecto
 Na vossa acclamação hoje o Ceo busca ,
 Pio mandais se exponha a nossos olhos
 Do Sol sacramentado a Luz , que illustra.

Esta acção e a sagrados vaticinios
 Tantas felicidades nos segura ,
 Que a nossa expectação do vosso nome
 Largo compendio faz de glorias summas.

Subi, inclyto Rey , subi ao Throno
 Hoje , que vos assiste a Luz mais pura ,
 Que a fazer venturoso o vosso Imperio ,
 Deos he primeira causa , e vós segunda.

Hoje Senhor , que he vespera do dia ,
 Em que ao Mundo effa Luz mais clara , e pulchra ;
 Nasceo a desterrar a sombra triste ,
 Que o Mundo chora da primeira culpa :

Entray a dominar vossos Estados
 Confiando na Luz , que em graça innunda ;
 Que sendo ao vosso Reino Protectora ,
 Será quem nos acertos vos instrua.

Aqui , Senhor , começaõ nossas ditas ,
 Como illustres presagios das futuras ;
 Que o vosso Nome augmenta nossas glorias ,
 E o vosso braço ao Deos Mavorte assusta.

Tema confuso o pérfido Agareno ,
 Que as Quinas vibrem rayos contra as Luas ;
 Pois vossa exaltação he nobre auspicio
 Do nosso augmento , e da ruina sua.

Se o primeiro Monarca Lusitano
 Foy fatal instrumento à sua injuria ;
 O Primeiro Joseph , ninguem duvida,
 Que a destruiu agora ao Throno fuba.
 Se Affonso foy primeiro em conquistarhe
 Largos dominios de huma posse injusta ;
 O Primeiro Joseph seja o primeiro ,
 Que os ritos Mahometricos destrua.
 Se aquelle a desterrallo do Ceo teve
 Deste Reino a Real nomenclatura ,
 Com que se fez no Mundo formidavel
 Pelo grande valor , que aclama a Tuba.
 Vós para destruir esse tyranno ,
 Que ainda soberbo vossos mares furca ,
 Herdais do Santo Rey o valor forte
 No Regio fangue , que nas veas pulsa.
 Tomay o Cetro , abraçay o escudo ,
 Vibre a potente espada a maõ robusta ;
 Que a conclusãõ de altissimas emprezas
 Nas primeiras acções he que se funda.
 Do grande Emperador , invicto Cesar ,
 Que da morte no tumulto triunfa ;
 Cujo nome feliz o Mundo assombra ,
 Cujo braço valente o Turco assusta :
 O Maximo Leopoldo , gloria eterna ,
 Ou brazaõ immortal de Austria fecunda ,
 Sois Real Descendente , Augusto Neto
 Sagrado imitador , viva pintura.
 Na virtude o imitay , segui no exemplo ;
 Que os exemplares incitar costumaõ
 A's acções do valor , e às da piedade ,
 Porque à posteridade naõ caducaõ.
 Vede o primeiro Rey , vosso Ascendente ,
 Cortando com a espada a investidura ;
 Pois quem assombros augmentar deseja ,
 Nas acções dos Heroes o acerto estuda.

Vede, os que dominando as quatro partes
 Do Mundo, as santas Leys nelle promulgaõ,
 Por dilatar a Fé nessas remotas
 Barbaras regioes, gentes aduflas.
 Olhay, como os Heroes famigerados,
 Descobrinho as Provincias mais occultas;
 Dando cultos ao Ceo, à Nacaõ gloria,
 A Deos confagraõ, quanto ao Rey tributaõ.
 Vede a vossos Reaes Predecessores,
 Cujas armadas novos mares cruzaõ,
 Mandando a Evangelica doutrina,
 Aonde a Ley Christã naõ chegou nunca.
 Notay tantas conquistas gloriosas,
 Que se obtiveraõ pelas armas Lusãs;
 Ganhando para o Ceo tantas mil almas,
 Adquirindo ao Rey tantas venturas.
 No dilatado campo do Universo,
 De que o Luso valor o ambito occupa,
 Geme o prélo cançado nas Historias,
 Em que as accões illustres sempre duraõ.
 Fazer dellas mençaõ superfluõ fora,
 Quando na voz da fama se divulgaõ,
 Só vos lembro, Senhor, que sois Monarca
 De huma Nacaõ, de Heroes a mais fecunda.
 Diga-o Europa, Africa o confesse,
 Aonde Mavorte em lides furibundas
 Cedeu a Portugal tantas vitorias,
 Em duro estrago das immensas turbas.
 America o publica, Asia o lamenta,
 Nas conquistas fataes, campanhas duras,
 Que o nome Portuguez immortalizaõ,
 Sem que o tempo a memoria lhe consuma.
 Nesse Templo da Fama perduravel
 Entre os Reaes troféos se lhe accumulaõ,
 Estatuas do valor, padrões do esforço,
 Da vossa gloria eternas testemunhas.

Estas

Estas razões, e o vosso grande Nome
 Taõ singulares ditas nos seguraõ,
 Que em vós do *Imperium mihi stabilire*
 Fazem huma infallivel conjectura.
 O vosso Nome significa augmento,
 Vosso valor ao Reino augmento indulta;
 Vossa piedade a Patria felicita,
 O vosso zelo à Fé augmento junta.
 Logo, Senhor, se tudo taõ augmento,
 Quanto nos pronostica, e nos segura,
 Illustrares do Solio a Magestade,
 Como luzido Sol da Esfera Luia.
 Usay do nobre ardor, puro, e constante,
 Que esse Real peito abraza, essa alma illustra;
 Tenha o Reyno hum Alcides nesse Cetro,
 Tenha a Fé nesse braço huma columna.
 Ao filho de Jacob hum Rey lhe manda,
 Que ao governo do Egypto o substitua;
 Porém que importa obtenha a Magestade,
 Se o substituto a priva de absoluta?
 Sim lhe manda Paraõ, que empunhe o Cetro,
 Mas com authoridade taõ confusa,
 Que o mesmo Ceo, que ao Throno o facilita,
 Na successão da posse o difficulta.
 Em vós, porque excedeis Joseph no Egypto,
 O Mundo a Magestade naõ disputa,
 Porque inculca mayor soberania
 A posse hereditaria, mais que a intrusa.
 Mande embora Joseph no Egypcio povo,
 Que vós do Luso Imperio na ley pura
 Distareis tanto de Jacob ao filho,
 Como a terra do Ceo, e o Sol da Lua.
 A'quelle manda o Rey tome o governo,
 A vós vos chama a herança, e o Ceo procura;
 A'quelle hum accidente o entroniza,
 E a vós a successão Regia vos busca.

Joseph'por nomeaçãõ se exalta ao Throno ,
 Em vós o Throno he descendencia Augusta ;
 Vós succedeis a hum Rey , que o Ceo nomeya ,
 Elle hum sonho glorioso Rey o adula.

Veja-se em taõ distintas circumstancias ,
 Quem leva a Magestade mais segura ,
 Se hum Monarca , que o Ceo , e o Reino querem ,
 Se o que a consternaçãõ de hum povo inculca.

De outro Joseph me lembro , que as Historias
 De Ungria , e Roma seu Rey disputaõ ;
 Mas o pay , que no Throno o collocava ,
 Emperador mandava , e Rey dispunha.

Falta o Pay , sobe ao Throno , rege o Imperio ;
 Porém a Parca cruelmente dura ,
 Sem ter respeito a tanta Magestade ,
 Da vida o priva , e do governo o frustra.

Mas isto sãõ altissimos mysterios ,
 Com que de Deos a Providencia summa
 Naõ quer que outro Joseph no Mundo logre
 A vasta Monarquia , que vos julga.

Permitte que hum Joseph no Egypto reyne ,
 E que outro de Alemanha ao Throno suba ;
 Mas como a excedellos vos destina ,
 De hum limita o poder , outro sepulta.

Que em vós Senhor taõ altas excellencias
 Nosso leal affecto admira juntas ;
 Que a vosso Nome o Mundo he curto Imperio ,
 He toda a esfêra dominaçãõ curta.

Pois vossa singular capacidade
 Taõ alta , taõ discreta , e taõ profunda ,
 Faz persuadir , Senhor , que o quinto Imperio
 Só no vosso reinado se descubra.

Que se até agora a sãbia Omnipotencia
 Naõ sem alto mysterio ao Mundo o occulta ,
 Bem se deixa entender , que he , porque tinha
 Para vós decretada essa fortuna.

Naõ.

Não teve o Orbe em tantos Regios Solios
 Outro mais digno deſſa invettidura ;
 Porque Europa não tem Auguſto ſangue,
 Que em voſſas Reaes véas não ſe inclua.
 E ſe ao Mundo Catholico prefere
 Do voſſo Real ſer a alta facundia ,
 Bem ſe moſtra , que o Ceo mais ſe deſvela ,
 No que o noſſo deſejo vos augura.
 Que hum Monarca , que he unico no nome ,
 Hum Rey , que tantas purpuras illuſtraõ ,
 Hum Heróe , que nas prendas ſe authoriſa ,
 Hum Joſeph , que a virtude ao poder junta :
 Hum Senhor , que na idade mais perfeita
 Sóbe ao Throno feliz , o Cetro empunha ,
 Dominando do Mundo em quatro partes
 Com prudente valor , discreta industria ;
 A quem o Ceo nos ſéculos paſſados
 Edifica o poder , o Reino funda ,
 Isto não ſão acaſos , ſão myſterios ,
 Que a conſequeſcia fazem bem diſfuſa.
 Pois ſe aſſim Deos em vós nos felicita ,
 Porque a mais altas glorias nos conduza ;
 Haja de hum ſó Imperio huma Coroa ,
 Que o Mundo adore neſſa frente Auguſta.
 Seja voſſo dominio glorioſo ,
 Quanto a terra produz , e o Sol fecunda ;
 E em voſſa Real Próie a fé numere
 Tantos Atlantes , quantas as figuras.
 A voſſo alto poder ſe não reſerve
 Impenetravel mar , nem terra inculta ;
 Porque ſirvaõ de aſſombro voſſas glorias
 Das idades presentes , e futuras.

Fernando Antonio da Roſa.

Relação curiosa da Varanda, em que se celebrou a Acclamação, e Exaltação ao Throno do sempre Inclyto, e Augusto Monarca D. Joseph I. nosso Senhor, e de tudo o que se admirou neste festivo, e plausível acto.

Chegou em fim o dia 7. de Setembro tão appetecido, quanto festejado: dia que a Divina Providencia destinou para a Acclamação do sempre Inclyto, e Augusto Monarca o Senhor D. Joseph o I. (cuja vida Deos prospere por dilatados, e sempre felices annos, para o devido amparo de seus Vassallos.) Neste foraõ tão sublimes as demonstrações de jubilo, e tão relevantes as preciosidades do apparatus, que servindo tudo de enlevo ao discurso mais elevado, faz desmayar a penna ainda mais discreta. Porém alente-se a penna, tire seus embaraços o discurso, por ser crime execrando sepultar no horror do silencio, o que a Fama deve levar em suas ligeiras azas a todo o mundo, para assim emmudecer os suaves clarins daquella, que nas coroações dos Julios, dos Cesares, dos Maximos, dos Constantinos, dos Justinianos, e de todos, que ennobreceeraõ suas testas com Diademas, tanto tem roubado as mais discretas attenções.

Para esta vistosa funçaõ ideou a Architectura, sempre concipua nos seus preceitos, huma Varanda, que principiava no torreaõ da Casa da India, e acabava aonde principia o Corpo da Guarda. Estava esta levantada do pavimento do terreiro com proporçaõ à Varanda de pedraria, que pertence à Sala dos Tudescos; e nesta altura se formavaõ de taboado as paredes, a quem a pintura mostrava aos olhos serem de pedraria, com tal variedade, que as fingidas pedras, que correspondiaõ por linha recta a cada huma das columnas, pareciaõ preciosos marmores, as que mediavaõ de columna a columna faziaõ gala da côr encarnada bastantemente desmayada (naõ sey se pelo fingimento) que lhe deu o pincel, e as que davaõ principio a esta vistosa parede humas eraõ encarnadas, e outras azuis, dispostas com tal ordem, que as azuis se seguiaõ depois das encarnadas.

O comprimento desta sumptuosa maquina constava de trezentos e setenta palmos, e de quarenta e quatro a largura, proporçaõ propria para o intento pretendido. Deza seis co-

F

lumnas,

lumnas, e hum pilar alentavaõ a idéa executada às quaes deu o pincel a apparencia de pedra cinzenta bastantemente escura; porém com tal primor, que ao longe naõ podiaõ differenciar os olhos se eraõ pedras fingidas, se verdadeiras. Os capiteis eraõ dourados. As bazes parte eraõ douradas, parte verdes. O affento das bazes já se via verde, já se admirava encarnado. A fimalha tambem parecia pedra cinzenta com huma meya cana, que parece quiz deixar ao mar os crystaes, só por lhe roubar o engraçado verde, que nelle se admira; fazendo sobrefahir mais esta vistosa fimalha varias curiosidades feitas de madeira a quem o ouro ricamente ennobreco.

Ornavaõ-se as columnas pela parte superior com fastões de seda encarnada adereçados de galões, e franções de ouro, e nas pontas destes faziaõ realçar esta aprafivel pompa borlas de finissimo ouro. De columna a columna estava huma grade de altura proporcionada à Varanda, cujos balauftres torneados deviaõ à tinta a côr de marmore, e ao ouro a galantaria de alguns circulos, sendo as mais pessas de pedra amarella, ainda que fingida. Seis degraos se contavaõ até a Regia cadeira por esta ordem: o primeiro estava na direitura da decima columna, o segundo na undécima, o terceiro na tercia decima, o quarto entre a tercia, e quarta decima, todos os quaes tinhaõ tanto comprimento, quanto a largura da Varanda lhes permittia. Os dous degraos proporcionados no comprimento ao do docel, eraõ os ultimos. Entre a nona, e a decima columna estava hum estrado com tres degraos destinado para nelle se acclamar Sua Magestade, como ao depois manifestarey.

Todo o pavimento desde a porta até estes ultimos degrãos, e o estrado referido, estavaõ primorosamente alcatifados, e naõ sey se pareciaõ mais jardim de engraçadas flores, que lâ de diversas cores pela industria da arte variamente tecida. O tecto deste prodigio da arquitetura se revestia de damasco encarnado com tanta galantaria apainelado de galões de ouro fino, que os olhos na vista intuitiva de taõ delicioso objecto confessavaõ a felicidade, que em dia taõ ditoso conseguiraõ. As paredes, que haviaõ de janella a janella, se esconderaõ, para que os olhos com suave applicaçaõ

ção vissem o veludo, com que se cobriaõ, o qual sendo encarnado escuro, sobrelahia com galões de fino ouro, que dispostos com a devida proporção, eraõ seu precioso adereço.

Quatorze janellas se contavaõ desta parte, que ficava à mão direita, de quem entrava a ver, ou para melhor dizer, a admirar, e mais duas, que estavaõ sobre dous arcos defronte do docel. Todas se viaõ armadas com cortinas de damasco encarnado, ornadas de galões de ouro fino; e para que este ornato conciliasse mayor assombro, eraõ as sanefas de preciosissima tela de ouro. As grades com tal curiosidade estavaõ cubertas de volantes de ouro fino, que mais que de ferro, pareciaõ de preciosissimo ouro. Por baixo das janellas, se naõ devo dizer, destas feitiços dos olhos, serviaõ de ornato reposteiros de damasco encarnado, e sanefas de veludo tambem encarnado, a quem os galões, e franjas de ouro deraõ a preciosidade da guarnição; advertindo que as sanefas naõ correspondiaõ só à largura dos reposteiros, porque todo o comprimento da escondida parede na mesma direitura, e ainda a que estava por cima dos dous arcos, com estas se ornavaõ.

Encostado ao torreaõ se admirava o docel, que servindo de assombro à vista para a percepção, servia de desalento ao entendimento para a intelligencia; e por isso naõ será crime, que a penna vòe rasteira na expressião de maravilha taõ sublime. Era a sanefa do docel formada a empenhos da agulha, de finissimo ouro sobre còr carmezim; servindo de realce a tanta maravilha muitas, e peregrinas flores com tal curiosidade enlaçadas, que para o assombro até aqui, mais naõ: podendo à vista de tanto portento lamentante Flóra de haverem mãos humanas, que excedessem a excellencia florida da sua divindade. Serviaõ como de remate ao docel duas maravilhas da arte (que só este he o nome mais proprio, que lhes posso dar) pois se viaõ huns elevatos, ramos com notavel artificio dispostos; e ainda que os olhos naõ podiaõ conhecer a materia, de que eraõ formados, bem podiaõ confessar, que o que viaõ, era tudo ouro.

O panno do tecto era factura rara devida à subtileza da agulha. Neste o que se via era ouro, prata, e retroz de varias cores, as quaes mais pareciaõ da diva da natureza, que

liberalidade da arte. No meyo deste panno estava huma figura taõ ricamente vestida, e com tal primor ornada, que só esta bastaria para fazer peregrina taõ singular obra. Sustentava esta engraçada personagem o Cetro na maõ esquerda, e na direita a Coroa. Serviaõ-lhe de comitiva muitos Anjos, que a cercavaõ, os quaes, fazendo eleiçaõ das mais peregrinas flores, fizeraõ varios fiões (que bem pareciaõ angelicos) que nas suas mãos sustentavaõ. Pela parte posterior do mesmo panno estava hum Estandarte encarnado, a quem a arte dobrou com tal perfeiçaõ, que as dobras pareciaõ naturaes. Sobre esta bellica insignia se via gravada esta inscripçaõ: *Ecce constitui te super gentes, & regna.*

O panno do espaldar era feito da mesma materia, e com os mesmos instrumentos, que o do tecto do docel: porém como estava menos violento à vista, ficaraõ logo picados os pinceis dos Apelles, dos Zeuxes, e de outros decantados Pintores, por verem, que a rija subtiliza da agulha fizera pinturas, que às suas taõ decantadas dizem maravilhoso excessõ. A' roda deste panno, que como se sabe era de figura quadrangular, se formava a largura de dous palmos pouco mais, ou menos, com seu distinctivo feito na fôrma de huma meya cana de ouro, para ficar menos confusa a pintura; lugar, que occupavaõ bem ideadas tarjas, e varias flores, ao qual pertencerá esta primeira descripçaõ.

No principio deste, pela parte superior, estava no meyo huma tarja com esta letra: *A summo Cælo egressio ejus.* Da parte direita (aqui principio a regular a parte direita, e esquerda pelas figuras, que estavaõ no espaldar) sobre huma vistosa tarja, que mostrava hum braço, se liaõ estas palavras: *Fecit potentiam in brachio suo.* Da mesma parte mais abaixo se admirava outra tarja naõ menos vistosa, a quem circulava com bella habilidade esta letra: *Fundamenta ejus in montibus sanctis.* Da parte esquerda, com a devida proporçaõ, servia de affombro huma tarja, a quem pela parte superior animava a seguinte inscripçaõ: *A Solis ortu usque ad occasum.* Em outra mais abaixo se via com singular esmero da arte hum letreiro, que a ornava ao redor, o qual dizia assim: *Turbabuntur gentes, & timebunt.* Deixo as flores, que com grave, e pomposo artificio serviaõ de confusaõ à propria vis-

ta, para dar já principio à narrativa das outras maravilhas, que do distinctivo para dentro com affombro se viaõ.

Principiava pois pela parte superior (sem declinar para a esquerda, nem para a direita) a expressar suas mudas con-fonancias huma trombeta, a qual apparentemente tocava huma figura, que para a vista não havia mais primor, ser-vindo-lhe de letra as palavras da primeira tarja já referida, pois para esta estava levantado este delicioso instrumento. Sahia esta personagem de huma bem fingida nuvem, e se com a mão esquerda sustentava a trombeta, com a direita em-punhava huma verde palma, e sustentava huma coroa da mesma côr.

Alguns Anjos, por não deixarem solitaria personagem tão engraçada, a cercavaõ pela parte superior figurando hum meyo circulo. Destes huns sustentavaõ a cortina, para que esta não roubasse à vista tão peregrino objecto: os outros se dividiaõ assim: hum à parte direita estava com o mundo figurado nas mãos; outro, que já se aproximava algum tanto para a esquerda, tinha na mão huma espada: da parte esquerda estava outro, que nas suas mãos sustentava hum freyo formado de ouro. Em fim lá se via hum Anjo sem insignia, que em nada era menos vistoso que os mais.

A' mão direita desta gentil figura estava a da Justiça, ainda que inferior no lugar, nõs vestidos, adereço, e formosura nenhuma inferioridade se lhe dividava. As roupas, que trajava, eraõ de preciosa primavera, sobreahindo no branco com singular graça, e artificio flores azuis, e encarnadas, que sahiaõ de verdes ramos. O manto, com que se ornava, era de azul o mais vistoso. Com a mão direita pegava de huma espada, e na esquerda sustentava humas balanças, sem que servisse de defeito a tão vistosa figura o ter os olhos vendados.

Da parte da mão esquerda se via a figura da Prudencia, a qual mostrava na mão direita prudente liberalidade, e na esquerda sustentava hum capacete cheyo de preciosidades, que parecia lhe estava cahindo da mão. Ornava-se esta figura com humas roupinhas cinzentas, admittindo para ser mais vistoso o seu ornato a côr de vivo fogo nas mais roupas, e no manto. O enfeite da cabeça era curiosamente for-

formado de finíssimo ouro, para assim se fazer mais attendivel taõ bella, e engraçada figura. A' sua maõ esquerda estava hum Anjo, que nas suas mãos tinha humas cadeas de ouro com maravilhoso artificio fabricadas, cujas extremidades (segundo o que os olhos divitavaõ) estavaõ com curiosidade servindo de adorno à referida figura.

Abaixo destas figuras se admiravaõ duas com singular primor vestidas, sustendo com suas perfeitas mãos as Armas Reaes de Portugal. Destas a da parte direita estava vestida de côr de ouro (se he que o naõ era na realidade) e encarnado, com tal graça, que bem mostrava a excellencia do artifice. A' cabeça servia-lhe de vistoso ornato hum cocar de plumas brancas, e roxas, e na maõ direita tinha huma espada. A figura da parte esquerda, para galear neste plausivel dia, da tela de prata cortou as roupas, e do azul celestite fez o manto. O cocar, que lhe enfeitava a cabeça se fazia reflexivamente attendivel pelas plumas brancas, e azuis, que com bem disposta ordem nelle se admiravaõ. Com a maõ esquerda pegava de huma lança taõ natural, que nem o ferro, nem a haste desmentiaõ em nada do ultimo primor. Aos lados destas personagens, tudo o que se via eraõ instrumentos bellicos, com grande naturalidade assim nas cores, como nos feitios fabricados. Terminavaõ este magnifico panno dous homens em figura, que, como inimigos vencidos, estavaõ aos pés das duas referidas figuras humilhados.

Bem podera este precioso panno pôr a coroa a taõ magnifico aparato; porém a rara generosidade, que administrou tanta riqueza, ainda admittio outro, a quem o ouro, prata, e retroz deu a materia, e em quem a arte formou com suas agulhas alguns instrumentos da guerra, grades de ouro, e varias curiosidades, servindo de grande assombro hum bem feito globo de lindo azul, sobre o qual o nosso sempre Augusto Monarca teve os pés todo o tempo, que esteve na cadeia. Com este panno se cobriaõ todo o pavimento, e degrãos, que estavaõ debaixo do docel, ornato que conciliou novos motivos para novos assombros, lendo-se nos ditos degrãos hum letreiro feito com estimavel curiosidade, o qual dizia assim: *Ponam inimicos tuos scabellum pedum tuorum.*

Sobre

Sobre tanta preciosidade se via collocada a cadeira em tudo magestosa ; por ser feita de prata tão artificialmente entalhada , que confundindo a vista , negou a facilidade ao conhecimento , e para mais reluzir tão peregrina obra , se admirava com todo o capricho dourada. Nos quatro pés cruzavaõ duas peßas com igual artificio , as quaes sustentavaõ tres Aguias , com naõ menor perfeição fabricadas , dando a prata , e o ouro a materia tanto a estas , como a aquellas. O espaldar , assento , e almofada eraõ feitos à agulha , a qual com muita variedade , e galantaria dibuxou peregrinas flores , e varios ramos , que faziaõ esta obra muito aprasivel , gravando no espaldar disjunctivamente esta letra : *Per illum*. Serviaõ de complemento a estes milagres da arte oito borlas de finissimo ouro , que estavaõ pendantes nos quatro cantos da almofada , com taõ recta repartiçaõ , que pertenciaõ duas a cada canto.

Ao lado esquerdo estava hum mesa quasi quadrada coberta com hum rico panno , que a ornava até o chaõ. A preciosidade deste panno naõ só se deve admittir pelo ouro , que com curiosidade dibuxou a agulha ; mas tambem pelas engraçadas flores , que ao panno faziaõ mappa de hum vistoso jardim , e pela singularidade de quatro meyo corpos , que a mesma agulha dividio com tanta proporçaõ , que ficava hum no meyo de cada lado.

No mesmo lado esquerdo estava hum varanda na correnteza das mais janellas , que se servia de delicia à vista , ao entendimento causava hum inexplicavel admiraçaõ ; persuadindo se este , de que tanta preciosidade podia servir de emulaçaõ aos ricos artefactos de Eliogabalo Imperador Romano , a quem as historias celebraõ por singular na riqueza de suas pompas. A esta serviaõ de adorno duas ordens de cortinas de veludo taõ engraçado na côr , que parece tomaraõ delle os cravos a sua gala ; às quaes guarnecia em roda hum bordadura de copioso ouro , que teria a largura de hum maõ travessa. Tres sanefas com bella ordem dispostas se admiravaõ por adorno das cortinas , e ainda que eraõ da mesma peßa , lhes excediaõ nos muitos , e bem lançados ramos de ouro , e nos franções da mesma materia , que as ornavaõ. Cobria a grade da Varanda hum panno , que sendo do mesmo velu-

veludo , pelo muito ouro , com que a idéa mais subtil formou primorosos labores , ficou com tão pouco campo encarnado , que quasi todo o emprego da vista era o ouro.

Para dar fim à narrativa da principal Varanda , só falta descrever a entrada , o que farey com a possível brevidade , por me parecer , que já a expectação de quem ler , está suspirando por ver o mais , que neste dia se admirou. Entrava-se pois para a dita Varanda pela Sala dos Tudescos , em que estavaõ duas portas armadas de cortinas de damasco encarnado , ornadas de galões de ouro , cujas sanefas estavaõ com custo guarnecidas do mesmo ouro. Por estas se fazia caminho para huma pequena sala , que se terminava em dous arcos , por onde immediatamente se entrava para a referida Varanda. Estavaõ as paredes da sala , e os arcos armados todos de veludo encarnado algum tanto escuro , e ao tecto servia de armação damasco encarnado mais vivo , que o veludo , sendo a guarnição de todo este artefacto preciosos galões ; e franjas de ouro : as sanefas porém dos capitais das columnas eraõ de veludo ricamente bordado.

Passando já da Varanda ao Terreiro do Paço , e ao rio , não havia pequeno motivo para o affombro. Quasi todas as janellas , que neste Terreiro se vem , estavaõ armadas de cortinas , e sanefas , fazendo a variedade das cores aprasivel a armação. No mesmo Terreiro se admiravaõ quatro Regimentos de Soldados , dous de Infantes , e dous de Cavallo : os Infantes , hum era do Illustrissimo , e Excellentissimo Conde de Coculim , outro do Monteiro mór do Reino. Os de Cavallo , hum era do Caes , outro de Alcantara. Seguirãõ todos as ordens , que lhes deu Dom Rodrigo Antonio de Noronha e Menezes , Ajudante da Sala , o qual andava montado em huma soberba , e bem ajaezada faca , com vestido côr de camurça , servindo-lhe de estado dous andarilhos , hum Soldado de cavallo , e hum criado a cavallo , que pegava nas redeas à faca de estado ; e como as suas ordens eraõ tão acertadas , estavaõ repartidos os Regimentos por este modo : os de Infantaria estavaõ no centro , e dos de cavallaria estava hum a cada lado.

No Corpo da Guarda se via huma Companhia de Infantaria em ala ; e junto à mencionada Varanda se viaõ tam-
bem

bem em ala os Soldados da guarda de Sua Magestade. O povo era em tão grande numero nas janellas, varandas, telhados, e na rua, que era impossivel numerar-se. Os navios estavaõ tão bellamente ornados de bandeiras, que as aguas do Rio pareciaõ alegrar-se com tão engraçado enseite.

Disposto todo este bem vistoso apparatus, logo que o relógio da Patriarcal deu as duas horas da tarde (que já o era para a anciosa expectaçã do povo) se correrã as cortinas da Varanda, e se poseraõ nesta a Rainha nossa Senhora, a Serenissima Princeza da Beira, as Serenissimas Infantas D. Maria Anna, e D. Maria Francisca Dorothea, a tempo que já na Varanda principal estavaõ os Ministros dos Tribunaes do Desembargo do Paço, Mesa da Consciencia, Conselho da Fazenda, Conselho de Guerra, Conselho Ultramarino, Junta dos tres Estados, Conselho Geral do Santo Officio, a Academia Real da Historia Portugueza, Junta da administração do Tabaco, Camera de Lisboa, Casa da Supplicação, Prelados Ecclesiasticos de todas as Religiões, e muitos Fidalgos, e peffoas do Conselho de Sua Magestade, Donatarios de terras da Coroa, e Alcaldes môres, sem que para algum destes houvesse assento, pois só o havia para o novo Rey. Tambem se abiraõ as mais janellas do Paço (excepto huma) que cahiaõ sobre a Varanda, nas quaes estavaõ as Damas da nova Rainha, Donas de honor, e varias Marquezas, Condeffas, e mais Fidalgas, que concorreraõ a assistir a tão luzido acto.

Pouco depois das duas horas baixou Sua Magestade com Opa singularmente rica, porque o chaõ branco de prata era ornado de muito, e fino ouro, disposto com tal primor, que fazia reconhecer singular a idea do artifice, fervendo lhe de forro tela carmesim adereçada de ramos, e flores do mesmo ouro. Ricos, e preciosissimos diamantes engastados em fino ouro lhe teceraõ o alamar, ao qual a curiosa especulaçã avaliou em milhões. A murça, que trazia por cima da Opa, era encarnada ricamente bordada de ouro, e com tão bello artificio, que se admiravaõ as divisas do Escudo Real, Quinas, e Castellos. O vestido era de seda liza côr de cinza. O habito de Christo, que no peito trazia, era tão precioso, quanto sem encarecimento pode excogitar

tar o entendimento mais subtil. O chapeo, que na cabeça trazia, era ornado de plumas brancas, e em lugar de botão se admirava hunja joya de inestimavel preço. O espadim, e as fivellas eraõ adereço proporcionado à mais preciosidade. Pegava na falda da Opa o Illustrissimo, e Excellentissimo D. Pedro de menezes IV. Marquez de Marialva.

Pouco mais adiante, e immediato a Sua Magestade vinha o Serenissimo Infante D. Pedro com o estoque desembainhado, e levantado nas mãos, fazendo o officio de Condestavel deste Reino, e logo adiante o Illustrissimo, e Excellentissimo D. Joã Joseph Ansberto de Noronha, Conde de S. Lourenço, a quem Sua Magestade fez a mercê, de que neste dia exercitasse o officio de Alferes mór, por impedimento do Illustrissimo, e Excellentissimo Conde de Sabugosa.

Acompanhavaõ tambem a Magestade Augusta os Serenissimos Senhores Infantes D. Antonio, e D. Manoel, o Senhor D. Joã de Bragança, o Illustrissimo, e Excellentissimo Duque de Cadaval, o Eminentissimo Cardeal Patriarca, o Excellentissimo Arcebispo de Lacedemonia feu Vigario Geral, os Excellentissimos Bispos de Portalegre, e de S. Paulo, todos os Titulos, e Grandes, e todos os Officiaes da Casa Real, observando-se em taõ grande numero de pessoas a recta ordem de lugares, que lhes competiaõ pelas suas dignidades.

Adiante de taõ populosa, e nobre comitiva hiaõ os Reys d' Armas, Arautos, e Passavantes com suas cotas encarnadas; nas quaes se viaõ bordadas as armas Reaes, e os Porteiros da cana com suas maças de prata, e outros com suas canas na mão, naõ faltando para augmentar este vistoso numero de pessoas os Moços da Camera.

Tanto que Sua Magestade deu os primeiros passos pela Varanda assás preciosa, tocarãõ os Menistris, trombetas, charamelas, e timbales com taõ primorosa, e harmonica consonancia, que a todos igualmente augmentaraõ os jubilos, que em seus corações já naõ eraõ pouco intensos. Vinha o novo Réy com passo muito grave, e modesto, e para que o poyo, que estava no Terreiro do Paço, sem embaraço o podesse ver, por junto das grades da referida Varanda fa-

zia feu caminho, encostando-se a gente, que nella estava, para a parte da sua mão direita.

Logo que Sua Magesta se chegou ao lugar do docel, fez huma cortezia com o chapeo à Rainha nossa Senhora, a que ella correspondeo com a politica inalteravel em taõ regifica dignidade. Sentou-se em fim Sua Magestade, e recebeu logo da mão do Illustrissimo, e Excellentissimo Marquez de Marialva o Cetro, que estava sobre huma rica, e preciosa salva; e como he cerimonia inviolavelmente observada fazerse huma pratica ao novo Rey, se fez final ao Desembargador Manoel Gomes de Carvalho, Procurador da Coroa, a quem Sua Magestade com o seu costumado acerto elegeo para Orador. Antes porém, que esta lingua de prata suspendesse os sentidos dos assistentes, disse o Rey de Armas Portugal Manoel Pereira da Silva Leal: *Ouvidz, ouvide, ouvide, estay attento.* Immediatamente, que acabou o Rey de Armas a expressão de suas palavras, fez o Desembargador Manoel Gomes de Carvalho a devida reverencia a Sua Magestade, e recitou a sua Oração com tanta eloquencia, que se os Ciceros, e Tullios viverão, só esta invejaraõ.

Concluida a Oração se poz Sua Magestade de joelhos sobre huma rica almofada, para dar o juramento, e pondo a mão direita em hum rico Missal, e na Cruz, sem duvida preciosa (maravilhas, que estavaõ sobre huma almofada de tela carmezim collocada em hum tamborete razo da mesma tela, que cobria hum precioso panno) disse as palavras do juramento em voz clara, e perceptivel, as quaes lhe administrava o seu Secretario de Estado o Excellentissimo Diogo de Mendoca Corte-Real, que tambem estava de joelhos. A fórma do Juramento era a seguinte.

Juro, e prometto com a graça de Deos vos reger, e governar bem, e directamente, e vos administrar directamente justiça, quanto a humana fraqueza permite, e de vos guardar vossos bons costumes, privilegios, graças, mercês, liberdades, e franquezas, que pelos Reys meus predecessores vos foraõ dados, outorgados, e confirmados.

Finalizado o Juramento, ElRey nosso Senhor se tornou a assentar na sua regifica cadeira, e logo o dito Secretario de Estado leu em voz alta a fórma do juramento, prei-

to, e menagem, que os Estados deste Reino haviaõ de fazer ao novo Rey, pelas pessoas que de todos estavaõ presentes, reconhecendo-o assim por seu Rey, e Senhor. A fórma do juramento, e as palavras, que o mencionado Secretario disse antes de o ler, são as que immediatamente se seguem.

Esta he a fórma do juramento, que os Grandes, Titulos, Seculares, Ecclesiasticos, e Nobreza destes Reinos, que aqui estão presentes, haõ de fazer agora a ElRey nosso Senhor, que he o mesmo juramento costumado, que em taes autos se fez aos Reys destes Reinos seus antecessõres.

Juro aos Santos Evangelhos corporalmente com minha maõ tocados, que eu recebo por nosso Rey, e Senhor, verdadeiro, e natural ao muito Alto, e muito Poderoso Rey D. Joseph o Primeiro nosso Senhor, e lhe faço preito, e menagem, segundo foro, e costume destes seus Reinos.

Depois de lida a fórma do juramento, a primeira pessoa, que jurou foy o Serenissimo Infante D. Pedro, o qual fazendo as devidas reverencias a Sua Magestade, e passando o estoque para a maõ esquerda, se poz de joelhos, e pondo a sua maõ direita sobre a Cruz, e Missal, fez o juramento, preito, e menagem, dizendo todas as referidas palavras. Acabado o juramento, foy beijar a maõ ao novo Rey, o qual lha deu com grandes demonstrações de benevolencia, levantando-se em pé, com a cabeça descoberta, e lançando-lhe ao pescoço seus reaes braços. Tanto que se completou este primeiro juramento, o Illustrissimo, e Excellentissimo Conde Alferes mór defenrolou a bandeira sem a minima demora.

Em segundo lugar jurou o Serenissimo Infante Dom Antonio, o qual ajoelhando do mesmo modo, e pondo a maõ direita no Missal, e Cruz, disse só as seguintes palavras: *Eu assim o juro, e faço o mesmo preito, e menagem.* O Serenissimo Infante D. Manoel foy o terceiro que jurou, observando as mesmas ceremonias, e fórma do juramento. Depois dos Serenissimos Infantes foraõ jurar, em primeiro lugar o Senhor D. Joaõ de Bragança, e em segundo o Illustrissimo e Excellentissimo Duque de Cadaval, os quaes usaraõ das mesmas ceremonias, e só variaraõ na fórma, dizendo unicamente estas palavras: *Eu assim o juro, se bem esta variaçãõ naõ he*

he substancial, pois valem tanto estas poucas palavras, quanto valem aquellas muitas. Todos os referidos, acabados os seus juramentos, foraõ beijar a maõ a Sua Magestade, cerimonia de logo usaraõ todos os que a este acto foraõ admittidos.

Logo que estes juramentos se concluireaõ, disse o Rey de Armas Portugal: *Manda ElRey nõsõ Senhor, que neste auto venhaõ jurar, e beijar a maõ os Grandes, Titulos, Seculares, e Ecclesiasticos, e mais pessoas da Nobreza, assim como se acharem, sem precedencias, nem prejuizo do direito de algum: decreto, que todos livremente observaraõ; usando desta fórma: Eu assim o juro, sem que faltassem às mais solemnidades, que pede este acto, as quaes já se naõ ignoraõ.*

Immediatamente, que os juramentos se acabaraõ, o novo Rey disse ao seu Secretario de Estado; *que aceitava os ditos juramentos, preitos, e menagens, que se lhes tinhaõ feito: a cujas regificas palavras se seguiu levantar a voz o dito Secretario de Estado, dizendo: ElRey nõsõ Senhor aceita os juramentos, preitos, e menagens, que os Grandes, Titulos, Seculares, Ecclesiasticos, e mais pessoas da Nobreza, que estais presentes, agora lhe fizestes.*

O Rey de Armas Portugal, depois que o Secretario de Estado acabou de fallar, disse com voz intelligivel: *Ouvide, ouvide, ouvide, estay attento,* e immediatamente o Alferes mór com a bandeira Real desenrolada, sem se mudar do lugar, em que estava, em voz alta fallou assim: *Real, Real, Real pelo muito Alto, e muito Poderoso Senhor ElRey D. Joseph o Primeiro nõsõ Senhor,* palavras, que os Reys de Armas, Arautos, e Passavantes, ajudados das pessoas, que estavaõ na Varanda repetiraõ; ajudando este alvoroco os Menistris com seus instrumentos.

O povo que estava no Terreiro do Paço, naõ podendo já encobrir a grandeza de seus jubilos, sem demora publicaraõ *Vivas*, e com seus lenços de neve fizeraõ humas taõ af-sombrosas demonstraçoẽs dos affectos, que ao novo Rey sacrificavaõ, que a impulsos destes, emprestaraõ seus lenços ao ar, para que este pareceffe à vista enfeitado de nevadas plumas. Bento Antonio, que estava com galantaria montado no seu cavallo, sem temer o perigo de perder o seu chapeo, repetidas vezes atirou com elle ao ar, e o que mais me admira-

rava nesta acção, era a rara habilidade com que fazia tornar às suas mãos o seu plumado chapeo.

Acabados os primeiros *Vivas*, o Alferes mór, fazendo a devida reverencia ao novo Rey, desceu logo do lugar em que estava, com a bandeira Real, e veyo andando até o estrado, que estava entre a nona, e decima columna. Faziaõ-lhe companhia os Reys de Armas, Arautos, Passavantes, Porteiros da maça, e Porteiros da cana, para não faltar a solemnidade, que se devia ao fim desta acção. Subio pois o Alferes mór ao dito estrado, levando a bandeira na mão direita, e com elle o Rey de Armas Portugal, os quaes ficaraõ ambos virados para o povo, que estava no Terreiro do Paço. Este desatou as prizões à lingua dizendo: *Ouvide, ouvide; ouvide; eslay attento*: aquelle fallou com voz perceptivel deste modo: *Real, Real, Real, pelo muito Alto, e muito Poderoso Senhor ElRey D. Joseph o Primeiro nosso Senhor.*

Estas palavras repetiraõ os Reys de Armas, Arautos, Passavantes, e todas as pessoas, que estavaõ na Varanda, e logo os Menistris tocaraõ seus suaves instrumentos; o povo repetio com novo excessõ os *Vivas*; os sinos da sagrada Basílica Patriarcal com suave melodia repicaraõ; as artelharías, que forticavaõ os fortes, as torres, e os navios com suas estrondosas vozes tambem publicavaõ os perceptíveis, ainda que inanimados *Vivas*. Só o Sol, porque não manifestava a tela de seus rayos, e o bocado de seus resplandores, mostrava, que na mortalha das nuvens, que o encobriaõ, occultava o seu regosijo; mas foy industria deste Monarca do Ceo, para mostrar, que quando o Sol de Portugal estava no Throno manifesto, não tinha valentia para apparecer no seu o Sol do Firmamento. Estes segundos *Vivas* acabados, tornou o Alferes mór com o mesmo acompanhamento para o lugar aonde estava, e logo que a este chegou, se levantou a Magestade Augusta de ElRey nosso Senhor, (sendo já quatio horas) para ir dar graças à sua Real Capella ao Rey dos Reys Deos Senhor nosso.

Entaõ o Rey de Armas Portugal, para se evitar todo o tumulto, expressou com voz clara o seguinte decreto: *Manda ElRey nosso Senhor, que o não acompanhem mais, que os que vierã com elle*; depois das quaes palavras tocaraõ os

Me-

Menistris os referidos instrumentos com o primor ; que se pôde presumir da grande alegria , que em seus corações residia ; e deste modo tornou a vir Sua Magestade com o Cetro encostado no peito , e para que o povo , que no Terreiro do Paço estava , não padecesse violenta applicação para o ver , veyo por junto das grades , por onde tinha ido , e por tres vezes parou em distinctas grades por espaço de tempo consideravel , observando sempre em todas , as que ornavaõ a Varanda , a louvavel politica de tirar o chapeo. Com esta benigna atençaõ se augmentaraõ os jubilos nos peitos de seus fidelissimos Vassallos , os quaes muitas vezes repetiraõ os seus cordeaes *Vivas* ; continuando tambem as salvas , e os repiques da Basilica referida. Mas antes que o novo Rey chegue à sua Real Capella , vejamos com curiosidade , qual fosse o seu ornato.

Este magnifico templo estava todo ricamente armado de damasco. encarnado , ao qual guarneciaõ muitos , e preciosos galões , e fianjões de ouro. No altar mór serviaõ de assombro à vista o frontal branco tecido de fino ouro com artificio tão primoroso , que quasi tudo o que viaõ os olhos eraõ estrellas de ouro. Neste conciliavaõ especial admiraçaõ seis casticeas , huma Cruz com Christo crucificado feitos de pedra lapis lazuli , e de prata dourada : obra que a empenhos da arte , toda curiosa em formar os mysterios de Christo , e de Nossa Senhora , e raros lavores , se constitue huma das mayores maravilhas , que tem visto as idades. Nos ditos casticeas ardiaõ seis brandões dourados , e matizados com varias , e vistosas cores. Ornavaõ o mesmo altar doze estatuas de prata dourada , que eraõ os doze Apostolos. O docel correspondia ao frontal na sua muita preciosidade.

Antes de chegar ao referido altar , estava estendido hum precioso panno , e sobre este se admirava hum genuflectorio com duas almofadas ricamente bordadas de ouro , que se destinou para o novo Rey se pôr de joelhos. Toda a mais Capella estava alcatifada com notavel , e attendivel primor. Nos cancellos luziaõ oito tochas , a quem fizeraõ engraçado objecto dos olhos o ouro curiosamente dividido , e curiosos ramos de varias cores a elimeros do pincel com galantaria enlaçados.

No

No Altar do Santíssimo tambem se via grande preciosidade; porque os seis castiças (que estavaõ com velas aczas) e a Cruz, a que chamaõ de Napoles, eraõ de prata doumada com peregrinas figuras, e lavores singulares. As duas estatuas de Nossa Senhora, e São Joseph, que ornavão o mesmo altar, eraõ de fina prata, a qual tambem deu a materia aos dous tocheiros, que no mesmo altar se admiravaõ com brandões acezos, fazendo realçar tanta preciosidade o frontal, que a arte teceo com peregrinos ramos de finissimo ouro sobre seda branca. O docel era de damasco encarnado guarnecido de galões, e franjões de ouro.

Em todos os mais altares viaõ, se he que não fórma melhor dizer, admiravaõ os olhos a rara igualdade do ornato. Cada hum se ornava com seis ricos castiças de prata, e Cruz da mesma materia, a que tambem chamaõ de Napoles, sem se differencarem huns dos outros no seu curioso artificio. Augmentavaõ o ornato a cada hum dous tocheiros de prata, e frontal tecido de fino ouro em chaõ de seda branca com tal curiosidade, que bem mostrava ser o risco peregrino. Nos castiças, e tocheiros tudo eraõ luzes, ainda que para effes luzirem, não necessitavaõ de favores alheyos. Os doceis, que formoseavaõ os altares, todos eraõ de damasco encarnado, servindo-lhes de guarnição galões, e franjões de rico ouro.

Na porta, que fica à mão direita, de quem está virado para a Capella mór, estava junto à pia da agua benta huma alcatifa na realidade preciosa, porque tecida em ouro, a que esmaltavaõ varias cores, e sobre esta húma almofada encarnada curiosamente bordada de finissimo ouro. Logo que o novo Rey vinha chegando à dita porta, estavaõ doze Beneficiados com tochas aczas, oito Monsenhores com capas de Asperges, que pareciaõ de ouro batido, os quaes pegavaõ nas varas do Pallio, taõ precioso na materia, e taõ curioso na fórma, quanto o era o frontal do Altar mór. Debaxo do Pallio estava o Eminentíssimo Cardeal Patriarca vestido de Pontifical, com tanta preciosidade, quanta deve suppor, quem attende à riqueza das capas dos que nas varas do Pallio pegavaõ. Nas mãos tinha o dito Eminentíssimo Cardeal o Santo Lenho, para o dar a beijar ao novo Rey. Toda esta luzida procissão estava com Cruz alçada taõ rica na materia, como curiosa no feitio. Che-

Chegou pois Sua Magestade, e pondo-se de joelhos, beijou com a reverencia propria a hum Rey taõ Catholico a reliquia da Cruz, em que o Rey dos Reys deu a propria vida. Depois deste piedoso acto, tem intervir demora, começou a musica a cantar no coreto o *Te Deum laudamus*; parecendo a quem ouvia, que estava admirando hum transumpto da musica celette, e Sua Magestade se levantou, e foy atrás do Pallio para a Capella mór, precedendo-o o Alferes mór com a bandeira, o Serenissimo Infante D Pedro com o Estoque, e todos os mais hiaõ no lugar, que lhes pertencia.

Na Capella mór se poz o exaltado Rey de joelhos no genuflexorio referido, aonde esteve até se acabar o Hymno, e a Oração que disse o Eminentissimo Cardeal Patriarca, o qual logo de pois lançou com o Santo Lenho a benção a El Rey, e às mais Pessoas Reaes. Finalizada a benção, foy o nosso Augustissimo Monarca para a Capella do Sacramento com a sua comitiva, indo ainda vestido de Pontifical o Eminentissimo Cardeal Patriarca. Nesta estava o mesmo panno, e almofada, que tinhaõ servido na porta, e pondo-se de joelhos o novo Rey, deu as devidas graças a Deos sacramentado, e lhe pediu auxilios para o acerto do seu governo, como quem sabia o muito, que Deos se mostra attencioso a taõ justificadas supplicas. Finalizadas estas, se retirou Sua Magestade para o seu quarto, fazendo lhe companhia os Serenissimos Infantes D. Pedro, D. Antonio, D. Manoel, o Alferes mór, os Officiaes da Casa, e Titulos, precedendo a todos os Reys de Armas, Arautos, Passavantes, e Porteiros da maça, e da cana, que foraõ até à presente Sala do Paço, tocando neste tempo os Menistris seus suaves, e deliciosos instrumentos.

Esta he (benigno Leitor) a curiosa relação no titulo promettida, e entendo que na execuçaõ desempenhada. Protesto, que o meu empenho foy observar indefectivelmente a verdade, e se alguma cousa te parecer encarecimento, supponho, que não ignoras ser este huma das mais observadas figuras, que admittem os professores da Rethorica. Porém se com a perspicacia de teu subtil engenho descobrires cousa, que não diga conformidade com o seu objecto, sempre me

livro de mentira formal , porque , ou foy engano da vista , ou errada informaçãõ , que se me participou. O que importa he (pois só isto de ti pertendo) que rogues a Deos illustre o entendimento do nosso Augusto Monarca para o feliz desempenho de seu regifico governo , que sendo affirm como todos desejaõ , ouviremos todos os dias alegres , e sonoras vozes , que acclamem por singular Rey , ao Senhor D. Joseph Primeiro.

*In Augustissimum , ac Fidelissimum Josephum I. Lusitanie
Regem ad Republicanam feliciter aduntem.*

E L E G I A.

LYsia , fume Lyram , tristes depone dolores ;
 Non sunt flebilibus læta canenda sonis.
 Flevisti nuper Joannis funera Regis ;
 Nunc nova Josephi Principis acta cane.
 Maius opus surgit : Princeps in carmina vires
 Dat Joseph : tanto remige navis eat.
 Nunc ades , & nostris , Rex magne , allabere votis ,
 Materies sensus ne premat alta meos.
 Lusa novum Regem Gens hunc extolle sub astra ,
 Quem populus curat quisque tenere suum.
 Ut videat Joseph tota est Urbs ampla theatrum ,
 Creditur in Circo mundus adesse favens.
 Nulla dies nostris affulsit clarior oris ,
 Quàm quæ Josephum gentibus alma dedit.
 Dignior ista tamen quàm rerum sumit habenas ,
 Sedis & auratæ sub pede fulcra premit.
 Quàm rutilat Princeps Tyrio conspectus in ostro ,
 Quàm tenet invictâ splendida sceptrâ manu.
 Quàm frontem exornat gemmis radiante coronâ ,
 Quæ , postquam hanc cingit , plus pretiosa manet.
 Hunc proceres læto Regem clamore salutant ,
 Hunc Regem grato murmure turba vocat.

Hunc

Hunc Patrem Patriæ sancti colit ordo Senatus,
 Hunc poseunt peragunt qui pia sacra viri.
 Josepho hi cuncti merito tribuuntur honores,
 Extimium nomen cui venit omne leve.
 Joannis fulget soboles gratissima Cælo,
 Austriaci, & Lusii pignora cara tori:
 Exemplar morum: Patriæ pietatis imago:
 Lusiacæ gentis gloria, cura, salus.
 Vivat ut æternum Joannis fama per ævum
 Sufficit hunc tantum progenuisse potiri.
 Hic rectè ut possit scepro, regnoque potiri
 Assiduè precibus sidera clara quatit.
 Jura fori servans dignis ut munera dentur;
 Vexet & immeritos debita pœna studet.
 Tecta pia ægrotis tristi submersa favilla
 Impensis refici præcipit ipse suis.
 Regia corda movet dubio generata parente
 Proles: hanc celsâ mitis in æde fovet.
 Infolitâ semper coluit pietate Parentes,
 Quin unquam jussis visus abire suis.
 Fata dolet Patris: minuunt nec sceptrâ dolores:
 Sed juvat in superas hunc subiisse domos,
 Post cineres hujus (tanta est sapientia Matris!)
 Committit Matri sceptrâ gerenda simul.
 Munera, quæ Genitor multis præbebat egenis,
 Filius hæc pergit spargere cuncta pius.
 Dicite vos Patrum Collegia, dicite gentes,
 Quas Princeps promptâ nutrit ubique manu.
 Servorum errores verâ pietate remisit;
 Et placidâ cunctas combibit aure preces.
 Extollit justos: proceres devincit amore:
 In cunctos princeps officiosus adest.
 Defendit fontes adversâ parte carentes:
 Pluribus ut pareat sentit abesse locum.
 Voce ferit placidas supplex qui Principis aures
 Regales animos in sua vota trahit.
 Desidia n fugiens duros amat ille labores;
 Ut magis insudet carpitur ulla quies.

H ii

Ipse

Ipse per ingenuas nitidum caput extulit artes,
 Nec quisquam studiis altius ire solet.
 Quàm celer ille feras jaculis, cursuque fatigat!
 Ignea sunt Regi tradita tela Jovis.
 Frontis honos quantus! pulcher Mars spirat in ore:
 Istius ingenio victa Minerva fuit.
 Turbantur nautæ: rapidus furit æquore turbo:
 Cymbaque terrificis penè fatiscit aquis.
 Convolat huc Princeps: stimulat præsentia Joseph:
 Incumbunt omnes: salva carina manet.
 Nec prius hinc cessit Princeps, nec tecta petivit,
 Quàm foret à sævo turbine tuta ratis.
 Arma decent Reges: firment ut mænia pace
 Agmina muneribus protegit ipse suis.
 Regnet, & immensum teneat sub legibus orbem,
 Sospite Progenie, Conjuge, Matre, Domo.
 Vivat, & imperii tot felix computet annos,
 Quot gentes regno computat ille suo.

Antonius Josephus de Mellis.

In die Coronationis ejusdem Regis, ac Domini nostri Domini Josephi.

E L E G I A.

Venit ad occasum nitidus Sol ille Joannes,
 Quo nomen fulsit, Lybia clara, tuum.
 Et quia defecit; coopertam tristibus umbris
 Te video, & flentem luce carere sua.
 Exue mœrorem: surgit Sol alter ab illo
 Proditus, irradians te quoque luce pari:
 Exue mœrorem; lætamque exponere frontem
 Fas erit; ecce dies gaudia magna ferens.
 Cerne coronari rutilam diademate frontem;
 Atque utriusque tui scæpra tenere poli:
 Inspice magnificum, fulgens auroque Theatrum;
 Quo non splendidior regia Solis erat.

Rex

Rex venit effulgens, sublimis, sicut & alter
 Sol oriens mundo, lumine cuncta replet.
 Ut sedet in Solio, majestas tota patescit:
 Infantes adsunt, Curia magna simul.
 Cerne genu flexum Domino jurare, quod ipse
 Servabit mores, praestita jura, foros.
 Infantesque vide fratrem, patruosque potentes
 Jurantes Regi semper habere fidem.
 Aspice Magnates Regis ferre oscula dextrae,
 Jurantes pariter subdita colla, fidem.
 Purpureum Pastorem, excelsosque ordine Patres
 Conspice jurantes, obsequioque pari.
 Inspice multiplicem veneranda fronte senatum,
 Nobilium caetum, qui profitentur idem.
 Aspice conspicuum, numero populumque carentem:
 Gaudia testantem voce tacente sua:
 Qui simul exhibitum, ac referentem insignia Regem
 Vidit, Io clamat, clamat & ipse magis:
 Et per mille vices, signis testantibus, ipsi
 Applaudit Regi, cordaque voce trahit.
 Conspicitoque illum ingredientem limina templi
 Ferre genu flexum debita jura Cruci;
 Atque referre Deo tanto pro munere grates,
 Et puro auxilium corde rogare suum.
 Cerne revertentem ad spatiosa palatia; quanvis
 Pulchram oculis faciem nullus abire velit.
 Gaudia magna vide post haec resonare per orbem;
 Luminibus splendens nox fuit ista, dies.
 Bellicaque audito tormenta sonare per antrum,
 Perque arces urbis: juba cuncta sonant.
 Suspice Caelum etiam sonitu celebrare recentem
 Regem, laetitiae fulgure signa ferens.
 Consulitoque diem, quo tanta haec gaudia cernis,
 Auspicium felix inveniesque tibi.
 Ille dies faustus, quo nata Aurora, recurrit,
 Quae Solem hunc genuit, sancta, benigna, favens.
 Incipit & melior, quo exorta, Aurora resurgens
 Divini Solis, Virgo Maria tuit.

Auf-

Auspiciis geminæ Auroræ Sol qui advenit orbi,
 Quid, nisi felicem, porrigat ille, diem?
 Porriget ille diem, felices porriget annos:
 Bis te felicem, Lyfia, jure puto.

Joannes Ribeiro Pessoa, Prælatus S. E. Lisbonensis.

*Augustissimus Rex noster Joseph, Populique ejus, ut Respublica
 feliciter administraretur, precibus à Deo petunt.*

EPIGRAMMA.

Auspicium das grande tuis, Rex maxime, Lusis,
 Cum Regni, exorans Numina, fræna capis.
 Digna tuo, Princeps, animo primordia sumis,
 Nec superi falli tam pia vota sinent.
 Ast ego nil miror, quamvis tua cœpta celebrem,
 Quoddam terram firmes; si pius astra moves.

Didacus Joseph de Mello.

*Joseph I. Potentissimus Lusitania Rex, vix Regno potitus,
 Deum precibus exorare jubet, ut sibi in Regno tractando
 felicitatem impertiat.*

EPIGRAMMA.

Imperij dum fræna capit Rex maximus ampli,
 Auxilium à superis per pia vota petit:
 Non sibi, sed Christo Imperium stabilire paravit,
 Istius hinc dextrâ sceptrâ gerenda tulit.
 Hic Cœlo, ille solo Regni moderatur habenas,
 Rex populis, Regi Numina jura dabunt;
 Numine cum ipso, si tecum, Rex maxime, regnat,
 Divisum Imperium quis neget esse tibi?

D. V. M. C. R.

Josepho

Josepho Lusitania, & Algarbiorum Regi Fidelissimo, hujus nominis Primo, ad Reipublica gubernacula accedenti.

EPIGRAMMA.

Qui modò jure capis Joannis scepra Parentis,
 Filius accrescens nomine Primus eris.
 Lux nova jam Regnò, novus Aulæ nascitur ordo:
 Huc Astræa redux, & Themis alma venit.
 Purior ecce nitet Romano insignis in Ostro
 Confociata patrum cum pietate fides.
 Sacra viris arcana simul sunt credita summis,
 Jus doctis, enses fortibus, æsque probis.
 Maeste animi Joseph, tibi sic mansura per ævum
 Gloria regnanti crescet & Orbis amor.

Ex Anonymo.

Augustissimus Princeps Joseph, Rex Portugallia hujus nominis Primus, felicibus auspiciis coronatur die septima mensis Septembris, qua Regina Matris natalis dies colitur.

SUB SACRO LEMMATE.

Egredimini, & videte Regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua in die lætitiæ cordis illius. Cantic. cap. 3. vers. 11.

EPIGRAMMA.

Felices Lusi, cari nova pignora Regis,
 Linquite (1) veloci limina vestra gradu.
 Aspiciate, (2) & Regi (3) cordis pia solvite vota,
 Quem Matris (3) fidus jure coronat (3) amor.
 Pacificus Lysiæ Salomon (4) dominatur, ut annos
 Cum celebrat Matris, prædicet ille suos.
 Læta (5) dies Matri, nato lætissima fulsit;
 Sic vitam nato, sic diadema dedit.
 Hoc superis placuit, nam Rex pater esse probatur;
 Ut Matris genitor filius ipse foret.

Doctör Nicolaus Franciscus Xaverius da Silva.

(1) Egredimini (2) Et videte (3) Regem in diademate, quo coronavit illum mater sua. (4) Regem Salomonem in diademate (5) In die lætitiæ cordis illius.

